METODOLOGIA E PRÁTICA DE PESQUISA EM FILOSOFIA

Evandro Barbosa
Thaís Christina Alves Costa



Metodologia e Prática de Pesquisa em Filosofia



CAPES

Projeto Gráfico
Nativu Design

Diagramação
Lucas Duarte Silva

UFPEL



Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Simone Godinho Maisonave - CRB - 10/1733

B238m Barbosa, Evandro.
Metodologia e Prática de Pesquisa em Filosofia [recurso eletrônico] / Evandro Barbosa, Thaís Christina Alves Costa - Pelotas : NEPFIL online, 2015.
111p. - (Série Dissertatio-Incipiens)

Modo de acesso: internet
<http://nepfil.ufpel.edu.br/dissertatio/index.php>
ISBN: 978-85-67332-27-7

1. Filosofia 2. Metodologia 3. Pesquisa I. Thaís Christina Alves Costa II. Título III. Série

CDD 101



Metodologia e Prática de Pesquisa em Filosofia

Evandro Barbosa
Thaís Christina Alves Costa



Evandro Barbosa

Thaís Cristina Alves Costa

Metodologia e Prática de Pesquisa em Filosofia

Dissertatio

Incipiens

Sumário

Introdução

O texto aqui desenvolvido tem uma marca característica: ser um trabalho que permita aos alunos de Filosofia compreender o modo mais adequado de preparar seus trabalhos acadêmicos e, quando possível, demonstrar a importância dos diferentes tipos de pesquisa que podemos desenvolver nesta área.

No primeiro capítulo, *Filosofia: questões recorrentes*, a preocupação foi retomar alguns elementos que consideramos importantes que o estudante tenha em mente antes de começar a desenvolver seus textos de filosofia. A questão que se levanta exige esclarecer o *espaço de manobra* da filosofia no campo do conhecimento, na medida em que ela se constitui como um tipo de saber que requer reflexão, ou seja, não pode ser dado de modo leviano e sem os devidos questionamentos. Para isso, é importante que compreendamos por que estudar filosofia é algo tão importante, não como um conhecimento instrumental de quem constrói uma casa ou uma mesa, mas como uma reflexão sobre a própria possibilidade destes conhecimentos se estabelecerem. Nesse sentido, o pensamento filosófico transcende a mera percepção do imediato, pois uma resposta satisfatória aos problemas que ele levanta requer do estudante compreender o âmbito em que sua pesquisa está inserida. Dessa forma, a investigação filosófica precisa necessariamente seguir alguns passos para a resolução das questões filosóficas de modo satisfatório.

O segundo capítulo, intitulado *Filosofia: método e investigação*, intensifica o esforço para que o aluno esteja munido conceitualmente dos elementos básicos necessários para que sua investigação tenha êxito. Aqui, êxito significará que a pesquisa teve os seus resultados apresentados de modo claro e que os conceitos foram suficientemente trabalhados. Se este caminho for perseguido de forma suficiente, considerando seus pressupostos antropológicos e epistemológicos, precisamos identificar o tipo de pesquisa e qual o método que iremos

utilizar para desenvolvê-la. No caso da pesquisa, temos os seguintes tipos: exploratórias, descritivas, explicativas, experimentais, bibliográficas, etc. Somam-se a isso os diferentes tipos de método que podemos utilizar para desenvolvê-las: indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo, materialista histórico-dialético e fenomenológico. Diferentes métodos podem chegar a resultados semelhantes, porém as veredas que percorrem podem divergir de acordo com o olhar que se está lançando sobre o objeto de estudo. Em suma, vários são os métodos, assim como vários são os tipos de pesquisa que podemos desenvolver no cenário filosófico, porém importa-nos o modo como o pesquisador se valerá destas ferramentas para intensificar seus estudos.

O terceiro capítulo, *Elaboração de textos filosóficos*, oferece alguns esclarecimentos sobre como desenvolver nossas habilidades de pesquisa em diferentes frentes. Como elemento comum, temos a necessidade de que façamos uma análise (textual e temática) do texto em questão e que, posteriormente, estabeleçamos a problematização do mesmo. Aqui, o estudante de filosofia poderá encontrar os aportes necessários sobre como produzir um resumo adequado ao texto que se está desenvolvendo, aprenderá a perceber quais pontos uma resenha deve considerar, o modo como o fichamento deve ser feito, como elaborar um pôster para apresentação de seu trabalho, bem como o caminho para preparar um artigo científico.

Por fim, o quarto capítulo, *Projeto de monografia*, explica por que a pesquisa científica precisa respeitar certas normas e procedimentos. Dentre eles, o principal é a elaboração de um projeto antes de dar início, propriamente, à pesquisa. O projeto deve conter em linhas gerais o que pretende ser desenvolvido, como e por quê. Por isso, este capítulo trará de forma detalhada os passos para a elaboração de uma monografia, considerando seus principais elementos: assunto, delimitação do assunto, justificativa, revisão de literatura, formulação do problema, procedimento, análise de dados, discussão dos resultados e cronograma. Esperamos que, ao longo dos capítulos, o aluno consiga compreender a importância destes elementos formais como facilitadores para que a leitura e o desenvolvimento de sua pesquisa sigam um roteiro seguro cujo resultado seja satisfatório.

1. FILOSOFIA: QUESTÕES RECORRENTES

1.1. Situando a Questão Filosófica

O propósito deste texto é permitir ao estudante de filosofia adentrar no universo filosófico e oferecer algumas orientações sobre a melhor maneira de explorá-lo. Nesse sentido, esta introdução à filosofia não pretende exaurir todo o conhecimento acerca do filosofar, mas oferecer uma base, derivada do pensamento de diferentes autores que lidam diretamente com o modo e a metodologia mais adequada para estudar filosofia, em que o aluno se sinta seguro para desenvolver suas habilidades filosóficas. Para isso, o texto oferece orientações esclarecedoras sobre o adquirir conhecimento filosófico, a partir de uma linguagem de fácil entendimento, constituindo-se como "ferramenta metodológica útil" para o estudante interessado no filosofar.

O primeiro esclarecimento é dizer o que podemos compreender como **filosofia**, ou seja, qual o seu significado. Se filosofia é *amor ao saber*, isso não significa que possamos reduzir a tarefa do filósofo a um saber *sui generis*, reservado a uns poucos interessados por um tipo de saber complicado e inacessível a todo homem. Pelo contrário, como a *alegoria da caverna* de Platão já nos indicou, sair da caverna é tarefa de qualquer ser humano, e a filosofia é este vislumbrar um horizonte de conhecimento que almejamos, porém sem jamais tocá-lo por inteiro. Não nos interessa tomar o saber preexistente como dado, mas perscrutar caminhos não percorridos, através de uma atividade filosófica crítica que busque a justificação do conhecimento de uma forma mais profunda que a simples aceitabilidade do senso comum sobre suas definições.

É importante observar como a filosofia se constitui enquanto saber único, que diverge de outros saberes tais como a ciência ou a matemática. Como afirma Nagel:

> Ao contrário da ciência, ela não se apoia em experimentos ou na observação, mas apenas na reflexão. E, ao contrário da matemática, não dispõe de nenhum método formal de verificação. Ela se faz pela simples indagação e arguição, ensaiando ideias e imaginando possíveis argumentos contra elas, perguntando-nos até que ponto nossos conceitos de fato funcionam (NAGEL, 2007, p.2).

Este esclarecimento sobre o *espaço de manobra* da filosofia dentro do âmbito do conhecimento nos oferece a primeira grande informação: o ensino de filosofia não tem a pretensão de formar filósofos, como se bastasse apresentar as técnicas adequadas para observar o mundo e, *mutatis mudandi*, os alunos aplicariam de forma mecânica este aprendizado. Precisamos compreender que é a relação do eu com o mundo que oferece a matéria-prima da reflexão filosófica. Por isso, os temas estudados ao longo do curso de Filosofia derivam das diversas formas como nos relacionamos com o exterior.

Podemos dizer, então, que a ocupação principal da filosofia é: "[...] questionar e entender ideias muito comuns que todos nós usamos no dia a dia sem nem sequer refletir sobre elas" (NAGEL, 2007, p.3). Nesse sentido, questões de natureza filosófica pululam de uma realidade que nos é comum, porém sua resposta e direcionamento convergem por um viés especulativo. O historiador questiona os fatos ocorridos ao longo da história humana (o filósofo se pergunta: *O que é próprio tempo?*), o matemático quer saber a relação entre os números (o filósofo se pergunta: *O que é um número?*), o religioso pergunta qual a melhor forma de encontrar Deus (o filósofo se pergunta: *O que é Deus? Ele existe?*). Esses exemplos de reflexão filosófica servem para dizer que o âmbito é ilimitado, e nossas reflexões invadem os diferentes domínios de nossa vida, pois pensar exige "[...] audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto", quer dizer, "[...] pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar" (LUFT, 2004, p.22).

O que temos na Filosofia é a divergência, não apenas de ideias, mas também de métodos a seguir quando pretendemos *conhecer*. Por isso, não é difícil imaginar que desde o início da Filosofia até hoje não temos uma resposta convincente para muitos de seus problemas, o que torna filósofos (em diferentes tempos e contextos) tão divergentes sobre um mesmo tema. Hoje, não é muito diferente, e o estudante de filosofia encontra uma gama de 'livros filosóficos' que possuem uma linguagem técnica que nem sempre é de fácil compreensão. Entretanto, o presente texto não pretende indicar quais os melhores textos de filosofia ou definir os assuntos mais pertinentes a serem tratados por ela. Antes de tudo, o direcionamento deste livro é para aqueles interessados em fazer filosofia academicamente, ou seja, pretendemos oferecer os caminhos metodológicos para a correção, leitura, interpretação e produção de textos acadêmicos. Isso porque a filosofia é um saber e, como tal, não pode ser desconsiderada no que a constitui enquanto uma forma de conhecimento.

Por isso, o interessado em filosofia tem uma tarefa que transcende as palavras de um bom texto de Platão, Aristóteles, etc. O modo como lançamos o olhar crítico sobre o mesmo é definidor da resposta que poderemos extrair do texto, o que nos oferece um bônus e um ônus. O bônus é que, dada a importância do aspecto subjetivo para a leitura do texto filosófico, nosso *espaço de manobra* filosófico se dá pela "[...] simples indagação e arguição, ensaiando ideias e imaginando possíveis argumentos contra elas, perguntando-nos até que ponto nossos conceitos de fato funcionam" (NAGEL, 2007, p.2). Por outro lado, fica sob nossa responsabilidade o ônus da prova, quer dizer, apresentar a devida reflexão sobre o tema em questão e oferecer uma resposta consistente (na medida do possível, é claro) para a defesa de um ponto de vista filosófico.

Nesse sentido, é inegável que a filosofia produz uma forma de compreensão do mundo, isto é, constrói o significado do mesmo para nós e se oferece com uma fonte inesgotável de significação e direcionamento. Assim, a filosofia não pode ser deixada de lado enquanto formadora de indivíduos, fato que se observa nas primeiras escolas de Filosofia onde a doutrina filosófica estava diretamente

atrelada ao modo de vida daqueles que a empreendiam. Toda vez que fazemos filosofia, deixamos de lado os parâmetros da obviedade e o que mais fazemos é questionar acerca do sentido do conhecimento ou sobre quão virtuosa é determinada ação. Isso significa que a filosofia "[...] não pode contentar-se com a eficácia eventual de uma ação ou com o acerto constante de um teorema, mesmo que o mais abstrato" (PERINE, 2007, p.11), já que o próprio sentido da filosofia não deixa de ser, *per si*, uma questão filosófica.

A reflexão filosófica permite, assim, um contato direito e crítico com a tradição intelectual do ocidente, exigindo de nós um refinamento de nossas reflexões toda vez que nos defrontamos com questões filosóficas, para não permanecermos na letargia de um conhecimento dogmatizado. Essa é uma exigência que é colocada ao filósofo pela própria sociedade em seus diferentes saberes, pois a indagação filosófica nos leva a pensar as dimensões da própria ética de nossas relações ou a refletir sobre os limites a as bases que o conhecimento científico parece requerer.

Nesse sentido,

> [...] filosofar é também preciso por oposição ao inexato, ao meramente aventureiro. Exercício de rigor, o filósofo procura a seu modo a exatidão. Ou seja, trabalha o conceito de tal forma que sua posição específica, sua singular aventura do pensamento, não nos recusa a possibilidade de exame, de crítica, apresentando-se como um caminho de interrogação que, com boas razões, pode ser repetido ou, também, com grande proveito, pode ser negado (PERINE, 2007, p.14).

Por isso, a filosofia não pode ser confundida com empilhar dados, datas, nomes e ideias sem que se reflita sobre elas. Estudar a história da filosofia é um elemento primordial para o bom exercício filosófico, pois, sem esta base, dificilmente conseguiríamos refletir os seus conteúdos (já que os principais problemas da filosofia parecem acompanhá-la desde sempre). Porém, este é apenas um elemento que compõe o cenário filosófico, sendo necessário refletir sobre tais ideias

mais do que repeti-las. De forma resumida, podemos indicar ao estudante de filosofia que:

i. Fique atento ao modo como o mundo se apresenta a nós por meios de objetos, fenômenos e fatos, pois o filosofar não permite que nos distanciemos da matéria prima de nossas reflexões;

ii. Reflita sobre a experiência vivenciada, pois seu meditar indica o nível de atenção que a realidade desperta em você e o nível de profundidade desta reflexão, uma vez que as perguntas filosóficas estão na base racional de nossas argumentações (como vimos, se o historiador quer compreender determinado fato no tempo, nossa questão é anterior a ela quando nos perguntamos sobre a possibilidade do próprio tempo);

iii. Filosofar exige a discussão de ideias, por isso não se furte ao questionamento e à discussão de problemas filosóficos através de um nível de conversa que provoque reflexão (não existem fórmulas preestabelecidas do questionar);

v. Filosofar é uma atividade individual na maior parte do tempo, o que não implica se isolar do mundo, já que filosofia não é fuga da realidade, mas uma reflexão mais profunda acerca da mesma;

vi. Chegamos à filosofia através da leitura; nada a substitui enquanto possibilidade de revelar dimensões de profundidade da experiência humana. Por isso, a escolha adequada do material de estudo é tão importante para o estudante de filosofia.

1.2. Filosofia como Prática de Conhecimento

Na maioria das vezes, os seres humanos estão envolvidos com as tarefas cotidianas e isso lhes furta a necessidade de estudar filosofia. Pelo contrário, sua preocupação com a manutenção de seus arranjos sociais (família, trabalho, educação, lazer, etc.) não lhes permite vislumbrar o que está por trás de muitas de suas atividades. Com isso, a filosofia permanece no anonimato enquanto tarefa de formação, porém isso não impede que os interessados em filosofia façam um esforço para demonstrar tanto sua necessidade para o desenvolvimento humano, quanto os benefícios de se levantarem certas questões.

Tomamos, assim, a filosofia como uma prática de conhecimento, cuja função é discutir as diversas dimensões que o constitui. Por isso, a filosofia convém a todo mundo, pois, como define La Bruyère,

> [...] sua prática é útil para todas as idades, todos os sexos e para todas as condições sociais; ela nos consola da felicidade do outro, de nossos fracassos, do declínio de nossas formas ou de nossa beleza; ela nos arma contra a pobreza, a velhice, a doença, a morte, contra os ignorantes e as pessoas maliciosas (LA BRUYÈRE *apud* MARCONDES, 2011, p.15).

Nesse sentido, a filosofia não é teoria, mas prática de elucidações e delimitação do pensamento, de modo que os problemas sejam desmembrados, analisados e dissolvidos por meio da análise adequada. Não conhecemos os limites exatos do nosso conhecimento, nem sabemos o resultado correto de todas as ações humanas, mas a filosofia pode lançar luz aos questionamentos que envolvem estas dimensões, de modo que, ao revelar o sentido das ações humanas, teremos questionado o porquê das mesmas, uma vez que a "[...] filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos [...] A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos" (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.13).

A reflexão filosófica extrapola a simples consideração imediata de fatos ou ações do mundo, na medida em que a admiração

(*thaumázein*) diante do que aparece precede a questão fundamental: *por quê?* Nesse sentido, a filosofia não nos permite respostas óbvias e imediatas sem a devida reflexão. Ideias, fatos, situações e valores são o material humano que abrem espaço para os questionamentos e a investigação filosófica por excelência.

> O filósofo é o amigo do conceito, ele é o conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos [...] Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e competência (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p.13).

A filosofia tem essa capacidade criadora, mas a atitude filosófica precisa, antes de tudo, ser negativa. Negativa no sentido de não se comprometer de antemão com qualquer pré-conceito ou pré-juízo que se apresente a ele como um *todo mundo sabe que é assim que as coisas são.* É nesse sentido que Deleuze e Guattari falam que os conceitos são construídos a partir de uma interrogação sobre situação, objetos, fatos e valores e que, por isso, os filósofos não podem se contentar e aceitar os conceitos que lhes são dados sem questionamento.

A atitude filosófica positiva se dá quando admitimos a necessidade de conhecer melhor o mundo como fez Sócrates ao afirmar "Sei que nada sei!", pois essa atitude desvela que os conceitos não surgem de forma miraculosa, mas da desconfiança filosófica do que parece dado. O resultado é admiração e espanto frente ao mundo quando nos distanciamos do mesmo e, através de nossa habilidade de raciocínio, percebemo-lo a partir de conceitos. Isso reflete que não estamos tratando de conceitos puros, como se a filosofia estivesse e se fizesse a partir de um lugar intocado. Aristófanes (450-385 a.C.) foi um dramaturgo grego que escreveu uma peça de teatro intitulada *As nuvens*, na qual ele retrata Sócrates como o mestre da razão (*logos*)

que vive em um cesto nas nuvens e presta consultas aos homens na Terra. Essa passagem não caracteriza a posição da filosofia nos termos apresentados aqui. Como vimos, a reflexão filosófica, embora busque conceitos que expliquem o mundo de uma forma mais profunda, não exige o afastamento da realidade para sua atividade. É preciso compreender que a filosofia tem seu valor, como afirma Russel, em sua própria incerteza. Em geral,

> [...] o homem que não tem a menor noção de filosofia caminha pela vida afora aprisionado a preconceitos derivados do senso comum, das crenas habituais da sua época e de seu país, e das convicções que crescerem em sua mente sem a cooperação ou o consentimento deliberado de sua razão. Para tal homem o mundo tende a tornar-se finito, definido, óbvio (RUSSEL, 2005, p.121).

Russel segue essa discussão informando seu contrário, ou seja, apresentando o mundo daqueles que levantam questões filosóficas para as coisas mais simples. Segundo ele, aqueles que exercitam filosoficamente o pensamento conseguem fugir da tirania do hábito, na medida em que não aceitam qualquer resposta como explicação do mundo. Nesse sentido, podemos questionar: Por que estudar filosofia? Qual sua verdadeira utilidade? A resposta a essas questões é, antes de tudo, um aviso para não incorrermos no *erro crasso* de imaginar que algum saber precise necessariamente ter uma finalidade prática muito visível e uma utilidade imediata. Se assim procedemos, não é difícil imaginar que a filosofia seria algo *nonsense* (absurdo, sem sentido), pois não serviria para alterar de forma imediata qualquer realidade. É o que afirma Japiassú:

> Reduzir sua questão à da "utilidade" é aceitar esta lógica perversa pretendendo que toda ação humana só tem valor pelo serviço que presta. Como se devêssemos julgar o valor de uma ação apenas por sua utilidade social. E o valor de um discurso por sua operacionalidade ou valor de uso (JAPIASSÚ, 1997, p.39).

Por isso, embora a filosofia seja incapaz de nos oferecer uma resposta precisa para as dúvidas que ela mesma traz em seu bojo, ainda assim não podemos confundir utilidade imediata com desnecessidade.

> Mesmo que a filosofia não transforme o mundo, se se entende por transformar uma intervenção ativa e direta no curso dos acontecimentos, ela transforma os seres humanos que, pela compreensão da realidade, podem mudar o rumo da história (PERINE, 2007, p.111).

O fato é que filosofia não se resume a um incorporar conceitos e relegar a um segundo plano qualquer outro tipo de atividade intelectual. Na verdade, a filosofia exige essa condição transdisciplinar ao abarcar questões de biologia, direito, sociologia, psicologia, economia, etc. Isso demonstra que sua *utilidade* é crítica em todos os âmbitos do conhecimento, ou seja, é uma atividade inquietante que nos leva a questionar e refletir sobre as diferentes esferas da vida, é um desvelar o que está encoberto pelas convenções e pelos costumes. Em suma, embora construa conceitos no seu desenvolvimento, a filosofia permite o acesso ao mundo com um olhar crítico de quem não se conforma com a explicação rasteira oferecida de diferentes formas (televisão, revistas, internet.). Esses canais oferecem uma ampla variedade de conhecimento sobre o mundo, porém cabe a nós compreendermos com clareza suficiente o que está por trás de tudo que vemos e ouvimos.

De forma resumida, cabe ao filósofo não a sobreposição às outras ciências, pois sua função fundamental é trazer uma análise rigorosa em termos conceituais. Logo, as tradições transmitidas na sociedade sob diferentes formas (opiniões, crenças, modos de agir) devem ser tomadas de modo crítico, o que nos obriga a uma coerência de pensamento. Nesse sentido, a atitude filosófica tem seu propósito dado a partir de três questões fundamentais: *O que?* (buscando o seu significado intrínseco); *Como?* (quais são as relações necessárias para constituir tal 'coisa'); e *Por quê?* (o que justifica ou explica a sua existência). É nesse sentido que a filosofia estabelece uma interrogação,

antes de tudo, sobre si mesma enquanto reflexão própria: O que é filosofia? Como filosofar? Por que filosofamos?

1.3. Pensamento Crítico-filosófico

Desenvolver um pensamento crítico exige aprimorar as habilidades básicas de pensamento, ou seja, buscar a excelência na atividade crítica em termos filosóficos. Nesse sentido, pensar exige sopesar, pôr na balança os argumentos para avaliar o peso de alguma coisa. O pensamento, quando se faz filosofia, usa o máximo de seus recursos para aprender a avaliar. O pensamento faz com que nos familiarizemos com determinadas posições para poder afirmar com firmeza filosófica qual delas tem um maior nível de justificação. Esse sopesar de ideias é o que nos permite direcionar nosso pensamento e ações de acordo com o nível de fundamentação/justificação atingido por cada argumento. Nesse sentido, o pensar é determinante para a direção da ação, uma vez que aquele produz a direção e a significação da ação.

Quando pensamos criticamente, nós utilizamos de modo coordenado e integrado nossas habilidades de raciocínio de acordo com a situação que se apresenta. Este é o significado da excelência, enquanto a capacidade de ter nossas habilidades desenvolvidas de forma constante, o que se reflete na eterna busca filosófica pelo conhecimento como bem propusera Sócrates em sua máxima.

1.4. Pesquisa em Filosofia

Pelo que vimos, podemos afirmar, então, que a investigação filosófica é a busca pela resolução de problemas filosóficos seguindo alguns passos básicos:

a. Encontrar o problema. Compreendido o contexto em que estamos nos movimentando, precisamos identificar o problema que pretendemos resolver, pois ele irá indicar o caminho que nossa argumentação filosófica irá assumir. Nesse sentido, encontrar o problema é identificar a interrogação que irá nos levar a desenvolver o raciocínio filosófico, ou seja, nos permitirá oferecer uma resposta seja a qualquer questão levantada (não há resposta se não houver pergunta);

b. Observação. Para identificar o problema, é importante que observemos o contexto em que este se desenvolve para darmo-nos conta dos elementos e das relações que estão em jogo na análise a ser feita. Por exemplo, uma pergunta epistemológica indica que a resposta passa por resolver alguma questão relacionada à possibilidade do conhecimento, assim como uma questão prática exigirá uma discussão no âmbito das ações humanas;

c. Formulação de hipóteses. Supondo-se que seguimos os passos *a* e *b*, até este ponto, temos o contexto da argumentação e o problema colocado. Cabe agora começar a formular algumas hipóteses que expliquem o problema e ofereçam uma resposta em um nível minimamente satisfatório. Se desenvolvermos nossas habilidades de argumentação de modo satisfatório, então seremos capazes de pensar respostas ou soluções que tenham alguma mínima chance de responder ao(s) problema(s) posto(s).

d. Nível de justificação e revisão. Nem sempre o problema vem acompanhado de uma única questão, por isso sua resolução pode exigir equacionar problemas correlatos que orbitam a questão central. Nesse caso, a resolução da questão central (e suas questões secundárias) passa diretamente pelo nível justificação que oferecemos em nossas respostas, tendo em vista que essa busca *ad eterno* pelo conhecimento não repousa em uma resposta absoluta. Com isso, somos convidados a *revisar* nossas crenças a todo o momento, na medida em que nossas respostas repousam sobre argumentos passíveis de revisão e crítica. De certa forma, este trabalho filosófico de refinar nossas respostas e

soluções é o que permite aprimorar e aumentar o nível de justificação da argumentação filosófica.

Questões:

1. Selecione um tema de seu interesse que poderá ser utilizado para o trabalho final dessa disciplina e que possa ser investigado através de pesquisa bibliográfica. Esse será o seu projeto de pesquisa.

2. Após a escolha do tema responda: o estudo que você escolheu é importante? Que tipo de contribuição espera dar ao tema?

2. FILOSOFIA: MÉTODO E INVESTIGAÇÃO

2.1. Método e Investigação Filosófica

O método é o caminho pelo qual nós devemos nos guiar para alcançar determinado objetivo. A origem do termo é grega e significa: *metá* (por meio de) e *hodós* (caminho). Cada tipo de pesquisa exige métodos específicos com base no objetivo pretendido, por isso na pesquisa filosófica podemos utilizar diversos caminhos diferentes de investigação. Não há um método específico pelo qual o pesquisador, obrigatoriamente, deve se guiar. Nesse sentido, a escolha deve partir do objetivo que se requer do estudo. Da mesma forma, os filósofos não possuem uma metodologia fixa, pelo contrário, é devido às diferentes maneiras de cada um lidar com suas teses que surgem vários tipos diferentes de metodologia de pesquisa.

Tal como no desenvolvimento da pesquisa, em sala de aula, o professor também deverá escolher um tipo de método para ministrar a aula. Tendo em vista que há diversas metodologias disponíveis na educação, caberá ao profissional escolher a mais adequada para ministrar o conteúdo aos alunos. Não se trata de ensinar apenas técnicas ou simplesmente decodificar a informação, mas de elaborar uma forma de ensino que seja capaz de garantir um ensino-aprendizagem de fato.

O ensino de filosofia não depende somente da escolha do método por si só, de modo artificial e automático, não obstante, exige que a escolha da abordagem seja clara e capaz de transmitir o ensinamento e a reflexão filosófica da maneira mais entusiasmada e eficiente possível. Por isso, o ensino de filosofia nunca pode ser encarado como pura transmissão de pensamento, mas como reflexão e crítica. Partindo desse princípio, o professor, além de ensinar de maneira crítica, priorizando a problematizando e argumentação, deve buscar adequar o conteúdo do ensino à realidade dos alunos. Então, cabe ao professor

a sensibilidade para ministrar o conteúdo, bem como a escolha de um método lógico e coerente.

O conhecimento filosófico é um trabalho científico que exige grande esforço intelectual, haja vista que lida com enunciados precisos e encadeamentos lógicos, exigindo a fundamentação racional e muito estudo. A investigação filosófica é sistemática, pois requer que as questões colocadas sejam válidas e fundamentadas, estando relacionadas entre si.

Perguntas que devemos fazer:

1) Quais os motivos, as razões e as causas para o que pensamos?

2) O que queremos dizer? Quais informações querem passar? Qual é o conteúdo?

3) Qual é a nossa intenção e finalidade?

4) Se as indagações filosóficas ocorrem de modo sistemático, qual sistema (método) devo utilizar?

Ao iniciarmos as investigações filosóficas, precisamos ter em mente que a filosofia não possui uma definição única, ela está sempre se transformando e abarcando novos elementos e significados. Partindo dessa construção contínua da filosofia, apresentamos quatro funções essenciais do pensar filosófico. São elas: a visão de mundo, a sabedoria de vida, o esforço racional e a fundamentação teórica.

a) *Visão de mundo*: a filosofia nos apresenta um novo olhar sobre o mundo, a sociedade e a cultura. Ao estudarmos um determinado filósofo ou filosofia, abrimos um novo leque de conhecimentos. Isso

nos proporciona maior conhecimento e cultura acerca do diferente. Por exemplo, quando estudamos cultura grega adentramos em todo universo helênico. Para o estudo de qualidade, não basta apenas aprendermos sobre a filosofia, mas também toda a sociedade que cerca tal filosofia, nos proporcionando assim uma maior visão de mundo.

> Temos de estar dispostos a ver os fatos, as situações, as coisas por todos os ângulos, em todas as dimensões e em todos os relacionamentos possíveis. Isso significa buscar ver tudo de forma contextualizada, ver tudo como parte de totalidades cada vez mais abrangentes. Tudo faz sentido nos contextos relacionais em que se dá. Tudo é resultado de múltiplas determinações ou relações. Quando entendemos essas múltiplas relações, armamos em nosso entendimento totalidades referenciais significativas (LORIERI, 2002, p.39).

Essa reunião de elementos culturais e sociais constitui as múltiplas relações que ajudam a formar nossa compreensão do mundo, bem como nos permite definir o tempo, o espaço, o sagrado e o profano, expressos em forma de ideias, valores e práticas de dada sociedade.

b) *Sabedoria de vida*: esse elemento é a contemplação do mundo, ou seja, a sensação de "maravilhamento" que nutrimos pelo novo. A sabedoria reflete-se na vida moral daqueles que se dedicam à vida contemplativa, tornando-os mais éticos em suas atitudes. Segundo Guitton,

> A sabedoria é a procura de um método de vida e de ação, a construção de si próprio pela concretização das virtudes: a justiça, a prudência, a força e a temperança; a fé, a esperança e a caridade, dando acesso às três virtudes segundo Platão: o belo, o bem e o verdadeiro. Mas o sábio é também o acordado: aquele que se espanta com tudo, que desfruta tudo, aqui e agora. Para isso, é necessário dominar o tempo: encontrá-lo, pará-lo, saboreá-lo (GUITTON, ANTIER, 1999, p. 207).

Nesse sentido, a filosofia é a contemplação da vida e do homem que nos conduz ao agir justo e sábio, ensinando-nos a dominar os

impulsos, paixões e desejos. Esta definição nos diz de modo vago o que é a filosofia enquanto sabedoria interior.

c) *Esforço racional*: a filosofia requer extremo exercício para conceder a compreensão do mundo enquanto uma totalidade ordenada e dotada de sentido, ou seja, a filosofia possui a tarefa de tentar explicar o sentido do mundo. Mesmo que não consigamos tal explicação, uma vez que ela acaba tornando-se uma utopia, o esforço racional estará sempre presente, caminhando junto com a nossa contemplação. Nesse sentido, Bauman afirma: "Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar a nossos companheiros humanos e a nós mesmos" (BAUMAN, 1999, p.11). Questionar é necessário para o nosso esforço racional.

d*) Fundamentação teórica*: é constituída de todo o conhecimento teórico que detemos sobre determinado pensamento aliado à reflexão acerca do apreendido e suas práticas. É o princípio da reflexão do saber que se espera racional e verdadeiro, com sua devida origem, forma, conteúdo dos valores éticos, políticos, culturais e artísticos. A fundamentação nos permitirá compreender as causas e as formas das transformações históricas dos conceitos, das ideias e dos valores.

A filosofia é totalmente voltada à investigação do mundo como ele é, levando em conta também aspectos históricos, científicos e artísticos, permitindo a todos ultrapassar as certezas cotidianas e conduzindo à vida contemplativa. A filosofia surge da nossa necessidade de clareza diante do mundo que nos apresenta ser estranho a nós. E, assim, buscamos mediante a reflexão crítica, o sentido da realidade e de nossas vidas.

> A filosofia não é ciência: é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos. Não é religião: é uma reflexão crítica sobre as origens e formas das crenças religiosas. Não é arte: é uma interpretação crítica dos conteúdos, das formas, das significações das obras de arte e do trabalho artístico. Não é sociologia nem psicologia, mas a interpretação e avaliação crítica dos conceitos e métodos da sociologia e

> psicologia. Não é política, mas interpretação, compreensão e reflexão sobre a origem, a natureza e as formas de poder. Não é história, mas interpretação do sentido dos acontecimentos enquanto inseridos no tempo e compreensão do que seja o próprio tempo. Conhecimento do conhecimento e da ação humanos, conhecimento da transformação temporal dos princípios do saber e do agir, conhecimento da mudança das formas do real ou dos seres, a filosofia sabe que está na História e que possui uma história (CHAUÍ, 2000, p.15).

É possível perceber, assim, que a filosofia é a ciência do saber que nos permite buscar um sentido para a vida e a nossa realidade, buscando explicar o mundo e nós mesmos. Buscamos, por meio dela, atingir respostas que nortearam a nossa vida e estudos, nos levando a pensar mais atentamente sobre tudo o que nos cerca.

2.2. Pressupostos Teóricos do Método em Filosofia

Partimos para a segunda parte deste capítulo, que será o estudo dos pressupostos teóricos do método. Examinaremos dois pressupostos que irão auxiliar a compreensão do procedimento da pesquisa filosófica. O pressuposto **antropológico** resulta da pergunta "qual tipo de pessoa eu desejo formar"? Tal resposta varia de acordo com o lugar, o tempo, a idade e a classe social do aluno, e nos permite conhecer quem são as pessoas que estamos formando e o que desejamos acrescentar em sua formação enquanto *ser humano*.

Por outro lado, os pressupostos **epistemológicos** nos conduzem a questionar a formação e o que é o conhecimento filosófico, resultando da pergunta: "Que tipo de conhecimentos ensinar?" O método filosófico na sala de aula deve partir de um conhecimento interdisciplinar envolvendo elementos de história, sociologia, entre outros, para uma aprendizagem mais completa e interessante ao aluno. É importante sempre instigar a reflexão e o debate filosófico.

O ensino deve estar sempre atrelado à realidade deste aluno. Nessa perspectiva, o ensino não deve ser realizado de maneira bancária, como a citada por Paulo Freire, mas de forma construtiva com o estímulo da reflexão autônoma e da reflexão crítica, em que a realidade do aluno seja levada em consideração, bem como as suas vivências. Essa atitude proporcionará o processo reflexivo rico que poderá ser vivido com maior profundidade.

2.3. Tipos de Pesquisa Filosófica

Para realizar uma pesquisa, é necessária, antes de tudo, a coleta de todos os dados referentes ao assunto pretendido, sendo que é essa coleta que dará o suporte para a pesquisa. Nesse sentido, deve-se buscar o maior número de livros e artigos relacionados. Após a coleta de dados, é necessária uma leitura completa do material. Posteriormente, escolhe-se qual tipo de pesquisa utilizar para realizar o referido estudo. Nesse momento, há o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Essa é uma fase importante da sua pesquisa, pois será o momento em que você terá o suporte teórico (técnico) para compreender melhor as discussões acerca do assunto. Por isso, é de extrema necessidade a decisão sobre quais artigos e livros utilizar para o estudo das problemáticas envolvendo o assunto. Em seguida à coleta de dados, precisa-se escolher qual tipo de pesquisa se adapta melhor ao que pretendes desenvolver. A pesquisa pode apresentar diversos focos, são eles: o foco no objeto, no procedimento técnico ou no problema.

2.3.1. Foco no Objeto

a) Pesquisas exploratórias: essa modalidade de pesquisa visa a formulação de problemas ou hipóteses novas, podendo criar, clarificar ou criticar conceitos. Volta-se para a pesquisa de algum problema

pouco estudado. Por seu caráter inovador, não exige extrema rigidez em seu planejamento, todavia, requer uma sistematização na formulação de suas hipóteses. Por isso, envolve um profundo levantamento bibliográfico, objetivando-se provar que a escolhida abordagem é pertinente, seja ela uma abordagem crítica, de esclarecimento ou de criação. A pesquisa exploratória pode ser um estudo de caso ou pesquisa bibliográfica.

b) Pesquisas descritivas; o objetivo desse tipo de pesquisa é descrever as características de determinado fenômeno (crença, procedência ou método filosófico) ou estabelecer relações entre as variáveis. São geralmente estudos voltados para análises sociais, por isso exigem, primeiramente, a coleta de dados padronizados para a análise posterior. Muitas vezes, a pesquisa descritiva assume a forma de levantamento, por isso, são muito solicitadas por partidos políticos, instituições educacionais e comerciais ou outras organizações sociais.

c) Pesquisas explicativas: têm como objetivo a explicação sobre determinadas coisas ou ações. Sua finalidade é identificar os fatores determinantes de uma relação pré-definida. Por ser um método experimental, envolve, acima de tudo, a observação. A pesquisa explicativa é *ex post facto*, por isso é mais comum nas ciências naturais que na filosofia.

2.3.2. Foco nos Procedimentos Técnicos

a) Pesquisa experimental: seu objetivo é verificar a relação de causalidade entre duas variáveis, por isso há manipulação de algum aspecto da realidade dentro de condições definidas previamente com o intuito de avaliar os efeitos dessa no objeto proposto. Nesse sentido, a inferência é feita sobre a realidade.

b) Pesquisa bibliográfica: o objetivo dessa pesquisa é a leitura e análise de materiais já publicados, tais como livros, artigos, *papers*, periódicos, textos na internet, entrevistas, entre outros. Toda pesquisa

filosófica deve, obrigatoriamente, antes de qualquer outro procedimento, realizar a pesquisa bibliográfica.

c) Pesquisa documental: o objetivo dessa pesquisa é o estudo analítico a partir de documentos antigos ou atuais. Tais documentos podem ou não terem sido analisados previamente. Em geral, é um estudo mais histórico do que propriamente filosófico.

d) Levantamento: esse tipo de pesquisa abarca uma série de questionamentos feitos diretamente às pessoas e cujas respostas se deseja conhecer. Seja por meio de questionários ou entrevistas, o levantamento visa obter informações das outras pessoas. As pesquisas que envolvem os levantamentos podem ser de natureza educacional, administrativa, social ou psicológica.

e) Estudo de caso: esse tipo de procedimento diz respeito ao estudo aprofundado de um ou poucos objetos e situações que permite que façamos uma interpretação detalhada de algo. Em geral, o estudo de caso envolve uma determinada situação que nos propomos interpretar e avaliar, com o intuito de adquirir determinado conhecimento sobre ela.

f) Pesquisa *ex post facto*: esse tipo de procedimento é realizado quando o experimento em questão se realiza após os fatos, ou seja, quando partimos dos fatos já ocorridos. Representa um procedimento comum às ciências naturais.

g) Pesquisa-ação: essa pesquisa ocorre em associação a uma ação, ou seja, o pesquisador age em conjunto com determinada ação, havendo cooperação e participação mútua. A ação pode ser de natureza política ou social.

h) Pesquisa-participante: essa é uma pesquisa-ação que é desenvolvida por intermédio da associação entre os pesquisadores e os membros de determinada situação investigada. Por exemplo, quando o estudo ocorre em conjunto com uma associação ou organização.

2.3.3. Foco no Problema

a) Pesquisa quantitativa: essa pesquisa pauta-se no estudo quantificável, ou seja, busca traduzir informações, dados e números em informações que serão classificadas e analisadas. Essa forma de abordagem do problema dificilmente é utilizada na filosofia, sendo mais comum às ciências exatas.

b) Pesquisa qualitativa: essa modalidade de abordagem do problema busca estabelecer uma relação entre o sujeito e o objeto que não pode ser traduzida em números, ou seja, o problema não pode ser quantificável. Caracteriza-se por ser descritiva, assim o pesquisador necessita analisar os dados no processo indutivo.

2.3.4. Foco na Natureza da Pesquisa

a) Pesquisa básica: seu objetivo é apenas trazer novos conhecimentos sem, necessariamente, trazer alguma aplicação ou prática prevista.

b) Pesquisa aplicada: objetiva alcançar novos conhecimentos com a utilização de aplicações práticas com vistas a solucionar problemas pré-definidos.

2.4. Metodologia Científica

A palavra metodologia é composta pelos termos *methodos* (que significa "caminho para chegar a um fim") e *logos* (estudo), e significa a parte da lógica que estuda as observações sistemáticas dos fenômenos da realidade, orientada pelas diversas disciplinas científicas, visando explanar a causa desses fenômenos, suas correlações e aspectos.

O método é intimamente relacionado à filosofia do autor de *Discurso do Método*, o francês René Descartes, que ressaltou a necessidade de proceder a uma pesquisa através de uma ordem.

A característica principal da metodologia científica é a investigação organizada, o controle rigoroso das observações e a utilização de conhecimentos teóricos. Para Descartes,

> Entendo por método regras certas e fáceis, que permitem a quem exatamente as observar nunca tomar por verdadeiro algo de falso e, sem desperdiçar inutilmente nenhum esforço da mente, mas aumentando sempre gradualmente o saber, atingir o conhecimento verdadeiro de tudo o que será capaz de saber (DESCARTES, 2002, p.24).

Descartes trouxe grande avanço para os métodos de pesquisa, pois tornou-a mais organizada e dotada de procedimentos para o seu desenvolvimento. A organização da pesquisa passou então a ser exata, completa, sucessiva, imparcial e metódica, podendo ser dividida em:

Observação assistemática – essa é uma organização sem controle anterior, estrutura ou instrumentos apropriados.

Observação sistemática – parte de um planejamento e requer uma organização prévia e metódica para o êxito em seu desenvolvimento. Possui objetivos, propósitos estrutura e condições controladas. Essa observação é utilizada em larga escala nas mais diversas pesquisas e nas mais diversas áreas, uma vez que o seu sistema organizacional permite o controle de seu desenvolvimento.

Outro ponto fundamental para o desenvolvimento de uma pesquisa é a escolha de um método de abordagem adequado. Essa escolha delimitará o nível de abstração do objeto, bem como dos

fenômenos da natureza e da sociedade. Veremos a seguir que o método de abordagem pode ser indutivo ou dedutivo.

2.5. Diferentes Tipos de Método

Método indutivo – esse método é empirista, ou seja, o conhecimento surge da experiência e consiste na generalização de casos particulares. O método indutivo parte de constatações particulares para induzir uma conclusão universal, representando o típico conhecimento do senso comum; por isso, é uma metodologia não mais utilizada nas pesquisas científicas.

Exemplo 1:

Eu fui à cidade de Belo Horizonte e vi um cisne branco. Daqui a um tempo, vou para Dublin e vejo mais um cisne, e ele também é branco. Passa mais um tempo, e vou para Moscou e vejo outro cisne branco. Ao final, concluo através do meu senso comum que todos os cisnes do mundo são brancos.

Exemplo 2:

Alfredo é mortal

Rubens é mortal

Manuel é mortal.

...

Carlos é mortal.

Ora, Alfredo, Rubens, Manuel... e Carlos são homens.

Logo, todos os homens são mortais.

Método dedutivo – esse é o método racional, ou seja, pressupõe raciocínios lógicos para se chegar ao conhecimento da verdade. Ao contrário do método indutivo, essa metodologia parte do universal para a análise particular, fazendo uso de silogismos, seguindo a lógica de duas premissas (premissa maior + premissa menor) pelas quais se conclui uma terceira, logicamente decorrente.

Exemplo:

Todo homem é mortal (premissa maior)

Pedro é homem (premissa menor)

Logo, Pedro é mortal (conclusão)

No quadro abaixo, é possível diferenciar os métodos dedutivo e indutivo:

Quadro 1 - Diferença entre o método dedutivo e o indutivo[1].

Método dedutivo	Método indutivo
Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão deve ser verdadeira.	Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão é provavelmente verdadeira, mas não necessariamente verdadeira.
Toda a informação do conteúdo factual da conclusão já estava ao menos implicitamente nas premissas.	A conclusão encerra informações que não estavam implicitamente nas premissas.

[1] Fonte: BARROS, LEHFELD (2000, p.64).

Método hipotético-dedutivo – utilizado nas ocasiões em que somente o conhecimento não é suficiente para explicar um fenômeno, sendo necessária a formulação de uma hipótese (realidade provisória) para, através do processo dedutivo, concluir um fenômeno. Esse método parte "das generalizações aceitas, do todo, de leis abrangentes, para casos concretos, partes da classe que já se encontram na generalização" (LAKATOS, MARCONI, 2004, p.71). Tal proposta foi engendrada pelo pensador Karl Popper, considerado o pai do racionalismo e do falseamento do século XX. A defesa do filósofo era que, ao contrário do método dedutivo que procura confirmar uma hipótese, o hipotético-dedutivo busca evidências para confrontá-las, promovendo o seu falseamento.

> [...] o método dedutivo, tanto sob o aspecto lógico quanto técnico, envolve procedimentos indutivos. Ambos exigem diversas modalidades de instrumentalização e de operações adequadas. Assim, a dedução e a indução podem completar-se mutuamente. Os dois processos são importantes no trabalho científico, pois um pode ajudar o outro na resolução de problemas (LAKATOS, MARCONI, 2004, p.257).

Por tudo o que vimos, esse método permite aliar a metodologia dedutiva e a indutiva nos momentos em que ocorre a chamada lacuna no conhecimento cientifico, fazendo, assim, hipóteses e deduções das consequências a serem testadas.

Método dialético – volta-se para a maneira de observar o mundo a partir de uma mudança dialética que acontece na sociedade. A dialética (*aufheben*) deriva do pensamento de Hegel e representa a história do espírito, das contradições do pensamento que ela repassa ao ir da afirmação à negação. Partindo dessa ideia, a dialética busca negar uma tese dada para, ao final, chegar a um consenso da totalidade. Os elementos que o constituem são: a tese, antítese e síntese.

A tese é uma afirmação ou situação inicialmente dada. Por outro lado, a antítese é uma oposição à tese. Por fim, do conflito entre tese e antítese surge a síntese, que é uma situação nova que carrega dentro de si elementos resultantes desse embate. A síntese funciona como uma nova tese que contrasta com uma nova antítese, gerando uma nova síntese, em um processo em cadeia infinito. Os três momentos da dialética permitem não interpretar, mas refletir a sociedade. Segundo Hegel,

> O dialético, tomado para si pelo entendimento separadamente, constitui o ceticismo – sobretudo quando é mostrado em conceitos científicos: o ceticismo contém a simples negação como resultado do dialético. A dialética é habitualmente considerada como uma arte exterior, que por capricho suscita confusão nos conceitos determinados, e uma simples aparência de contradições entre eles; de modo que não seriam uma nulidade essas determinações e sim essa aparência; e ao contrário seria verdadeiro o que pertence ao entendimento. [...] Em sua determinidade peculiar, a dialética é antes a natureza própria e verdadeira das determinações-do-entendimento – das coisas e do finito em geral. A reflexão é antes de tudo o ultrapassar sobre a determinidade isolada, e um relacionar dessa última pelo qual ela é posta em relação – embora sendo mantida em seu valor isolado. A dialética, ao contrário, é esse ultrapassar imanente, em que a unilateralidade, a limitação das determinações do entendimento é exposta como ela é, isto é, como sua negação. Todo o finito é isto; suprassumir-se a si mesmo. O dialético constitui, pois, a alma motriz do progredir científico; e é o único princípio pelo qual entram no conteúdo da ciência a conexão e a necessidade imanentes, assim como, no dialético em geral, reside a verdadeira elevação – não exterior – sobre o finito (HEGEL, 1995, p.162-3).

Esse método geralmente é empregado em pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que considera que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, as soluções surgirão das contradições.

Método materialista histórico dialético – método engendrado por Karl Marx, que se refere à dialética voltada para o processo histórico, interpretando a realidade sob o ponto de vista dos processos econômicos e sociais. Constitui uma reformulação da dialética hegeliana, todavia com diferenças no ponto de vista. Por isso, Marx afirma que

> Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento, - que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de ideia, - é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado (MARX, 1982, p.16).

Como já foi dito anteriormente, a preocupação de Marx é com o caráter material (em relação à organização do homem em sua produção e reprodução na sociedade), bem como o aspecto histórico. Nesse sentido, o pensador afirma que,

> Mas logo que a própria *moderna* realidade político-social é submetida à crítica, logo que, portanto, a crítica se eleva aos problemas verdadeiramente humanos, ela se encontra fora do *status quo* alemão ou apreende o seu objeto *sob* o seu objeto. Um exemplo: a relação da indústria, do mundo da riqueza em geral, com o mundo político é um dos problemas fundamentais da era moderna. Sob que forma começa este problema a preocupar os alemães? Sob a forma de *tarifas protecionistas*, do *sistema de proibição*, da *economia política*. O chauvinismo alemão passou dos homens para a matéria e, assim, nossos cavaleiros do algodão e heróis do ferro viram-se, um belo dia, metamorfoseados em patriotas. Na Alemanha, portanto, começa-se agora a reconhecer a soberania do monopólio no interior do país, por meio da qual se confere ao monopólio a *soberania no exterior*. Por conseguinte, na Alemanha começa-se, agora, com aquilo que já terminou na França e na Inglaterra. A situação antiga, apodrecida, contra a qual essas nações se rebelam teoricamente e que apenas suportam como se suportam grilhões, é saudada na Alemanha como a aurora de um futuro glorioso que ainda mal ousa

> passar de uma teoria *astuta* a uma prática implacável. Enquanto na França e na Inglaterra o problema se apresenta assim: *economia política* ou *domínio da sociedade sobre a riqueza*; na Alemanha ele é apresentado da seguinte maneira: *economia nacional* ou *domínio da propriedade privada sobre a nacionalidade*. Portanto, na França e na Inglaterra, importa suprimir o monopólio que progrediu até as últimas consequências; na Alemanha, importa progredir até as últimas consequências do monopólio. Lá, trata-se da solução, aqui, trata-se da colisão. Um exemplo suficiente da forma *alemã* dos problemas modernos; um exemplo de como nossa história, tal como um recruta inexperiente, até agora só recebeu a tarefa de exercitar-se repetidamente em assuntos históricos envelhecidos. (MARX, 2010, p.148).

Essa afirmação pode ser encontrada na obra de Marx *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel* e reflete as nuances históricas de sua dialética. Podemos perceber assim o quão diferente são as dialéticas hegelianas e marxista.

Método fenomenológico – esse método não é nem dedutivo e nem indutivo, não obstante, funda-se na descrição direta da experiência tal como ela é, todavia empregada na pesquisa qualitativa. A realidade, dessa forma é construída na sociabilidade e interpretada nessa mesma forma, ou seja, há quantas realidades forem interpretadas. O objeto dessa forma é sempre objeto – para – uma - consciência. Segundo Husserl, o método:

> [...] é precisamente próprio da filosofia, desde que remonte às suas origens extremas, o seu trabalho científico situar-se em esferas de intuição direta, e constitui o maior passo a dar pela nossa época, reconhecer-se que a intuição filosófica no sentido autêntico, a percepção fenomenológica do Ser, abre um campo imenso de trabalho e leva a uma ciência que, sem todos os métodos indiretamente simbolizantes e matematizantes, sem o aparelho das conclusões e provas, não deixa de chegar a amplas

> intelecções das mais rigorosas e decisivas para toda a filosofia ulterior (HUSSERL, 1965, p.73).

Há ainda outros elementos que compõem a observação numa pesquisa e são também métodos que podem ser utilizados. São eles:

A) **Formulário:** é um roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas pelo próprio, de acordo com as respostas dadas pelo pesquisador.

B) **Questionário:** uma série de questões que devem ser respondidas, sem que haja a presença do pesquisador no momento de sua aplicação.

C) **As medidas de opinião e atitudes:** é um instrumento de padronização que busca garantir a equivalência e a organização de diferentes opiniões e atitudes, com a finalidade de compará-las.

D) **Análise de conteúdo**: técnica metódica que proporciona a melhor compreensão do conteúdo, uma vez que é a descrição sistêmica e quantitativa do conteúdo proposto.

E) **Testes:** são mecanismos utilizados com a finalidade de obter dados que permitam medir quantitativamente comportamentos, capacidades, rendimentos entre outros.

F) **História da vida:** Busca obter dados relacionados à experiência pessoal dos outros, caso tenha relevância para a pesquisa.

G) **Pesquisa de mercado:** é normalmente utilizada em pesquisas administrativas, pois se refere ao mercado financeiro, econômico ou administrativo.

H) **Sociometria:** instrumento quantitativo capaz de elucidar as relações sociais entre as pessoas.

I) Descrição: implica o estudo de dados estatísticos (tabulação de dados), documentação coletada, assegurando o domínio das informações coletadas nos dados, identificando fatos de significação para o tratamento analítico em relação aos objetos da investigação.

Todos esses elementos são facilitadores para o estudo do problema escolhido e hipóteses propostas, devendo ser utilizados com fins de trazer maior veracidade à pesquisa em questão. Por isso, deverão ser adequados à problemática da pesquisa. É importante ressaltar que em muitas pesquisas, principalmente as filosóficas, poucos desses instrumentos serão utilizados, haja vista que cada área do conhecimento possui uma maneira diferente de lidar com seus problemas. Dessa forma, a pesquisa quantitativa é mais comum nas áreas da ciência natural, ao passo que é impossível nas ciências sociais, uma vez que é impossível reduzir seres humanos a números e objetos manipuláveis. Por isso, em nossa seara de pesquisa filosófica, optamos pelo estudo qualitativo de pesquisa que nos permite adquirir novos conhecimentos em relação ao problema proposto, tratamento analítico, bem como desenvolver críticas a conceitos e sociedades.

Exercício de Fixação

1. Explique com as suas palavras o que significa metodologia científica.

2. Qual a importância da escolha do método para a pesquisa filosófica?

3. Em quais categorias podemos classificar o conhecimento filosófico?

4. Quais são as funções essenciais do pensar filosófico? Descreva-os.

5. Quais os pressupostos que devemos considerar para a escolha adequada do método de pesquisa?

6. O que é uma coleta de dados?

7. Qual é o próximo procedimento após a coleta de dados?

8. Qual é o foco das pesquisas exploratórias? Porque você escolheu essa resposta?

9. O que são pesquisas descritivas? Qual tipo de entidade costuma solicitá-las?

10. Como denominar as pesquisas explicativas?

11. O que é uma pesquisa experimental?

12. O que é uma pesquisa bibliográfica? Dê exemplos.

13. Para que serve a pesquisa documental?

14. Como podemos utilizar o levantamento de dados?

15. Como fazer um estudo de caso?

16. A pesquisa *ex post facto* é comum em qual tipo de ciência?

17. Qual a diferença entre pesquisa-ação e pesquisa-participação?

18. Qual diferença há entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa?

19. Qual a diferença entre pesquisa básica e pesquisa aplicada?

20. Como podemos distinguir a pesquisa assistemática da sistemática?

21. O que Descartes entende por método? Qual a relevância de sua teoria para a metodologia da pesquisa?

22. Quais as principais diferenças entre o método indutivo e o dedutivo?

23. Qual é o método proposto por Karl Popper? Explique-o.

24. Qual a diferença entre a dialética hegeliana e a marxista?

25. Quais elementos constituem o método dialético? Explique dando um exemplo.

26. Como é o método fenomenológico de Husserl?

27. Quais são os outros elementos a serem considerados em uma pesquisa científica?

Elaborando o projeto

Agora você deverá escolher qual dos métodos estudados neste capítulo é o mais adequado para o seu projeto de pesquisa filosófica.

3. ELABORAÇÃO DE TEXTOS FILOSÓFICOS

3.1. Leitura de Textos Filosóficos

No universo da filosofia, em todo momento somos desafiados a interpretar e dar sentido/significado a um conjunto de acontecimentos envolvendo nosso cotidiano. Nesse sentido, a leitura assume esse caráter de atribuição de significado ao que nos rodeia, sendo a leitura compreendida em um amplo espectro de atividades que realizamos, tais como quando lemos determinada atitude, acontecimento, comportamento ou, obviamente, algo escrito. O que efetuamos é uma leitura do mundo que nos cerca, o que exige de nós a capacidade de observação para capturar as informações desencontradas e mais variadas que nos cercam. Por isso, se quisermos fazer a leitura correta (pressupondo que esta exista, obviamente) precisamos estar atentos a tudo que acontece à nossa volta, para não perdermos nos detalhes informações preciosas para nossa interpretação do mundo.

Além disso, a leitura nos permite compreender o significado articulado, por meio de determinada linguagem, do "[...] conjunto de signos linguísticos que codificam uma mensagem" (SEVERINO, 2008, p.9). Não podemos nos esquecer, entretanto, que a leitura permite uma atribuição de significado derivada da 'bagagem cultural' que o leitor possui como suporte para realizar o entrelaçamento das palavras e a consequente compreensão do universo da leitura. O resultado é que diferentes indivíduos oferecem diferentes respostas para suas observações sobre o mundo, já que fazer a sua leitura depende da base sobre a qual se assenta a construção do significado. Esta base deriva do contexto ao qual o indivíduo está inserido; por isso idade, sexo, país, entre outros elementos, permitem ao leitor decodificar a mensagem. Nesse caso: ler é "[...] encontrar-se com a palavra e reconhecer debaixo de sua mortalha o sopro, o ritmo, o vigor do humano dimensionado e vivido pelo autor" (BUZZI, 2000, p.134).

Textos que utilizam a linguagem simbólica (livros, revistas, artigos de revistas, jornais, etc.) exigem diferentes formas de leitura, cada qual atendendo ao seu objetivo.

Uma leitura analítica, cujo processo de decodificação do texto escrito exige qualidades refinadas, enseja uma abordagem ampla do texto para que o leitor desenvolva uma visão integral da proposta do autor, guiando-o através dessa proposta. Textos filosóficos são exigentes tanto no propósito com que são escritos, quanto na interpretação do leitor, o que requer determinadas técnicas de leitura que diferem da simples leitura de textos coloquiais, literários ou mesmo jornalísticos.

Seja por meio de textos filosóficos ou literários, a leitura deve ser prazerosa e empolgante. Uma leitura encarada como tarefa árdua torna a pesquisa cansativa e difícil de desenvolver. Nesse sentido, é muito importante a escolha adequada de um tema. Imagine, por exemplo, estudar durante quatro anos de sua vida uma temática não motivadora, isso tornará os seus estudos um fardo. Por isso, escolha bem o assunto tendo em vista que ele precisa causar curiosidade e interesse.

3.2. Leitura Crítica

Quando iniciamos os estudos filosóficos, a primeira mudança de atitude que devemos ter é em relação à maneira com que encaramos a leitura. A leitura, que anteriormente foi livre e sem grandes exigências, agora precisa ser crítica. Essa nova forma de leitura requer uma compreensão mais abrangente do texto e mobiliza as capacidades cognitivas do leitor, como as de sintetizar ideias, abstrair conceitos, relacionar teorias, entre outras. Para que seja estabelecido um diálogo coerente com o texto, podemos fazer perguntas que nos levem a compreender a complexidade do problema em questão. Para uma leitura crítica, devemos ler o texto no mínimo quatro vezes. Na primeira leitura, você irá apenas ambientar-se com o texto, ou seja,

conhecê-lo saber do que se trata, mas sem escrever nada ou tentar apreender algum conceito.

A segunda leitura será para conhecer o tema do texto. Nesse momento, você deverá sublinhar todos os pontos importantes e, somente na terceira leitura você deverá escrever ao lado do texto as partes que considera de maior destaque. E, por fim, na última leitura será o momento de você fazer o fichamento de todo o texto. Apenas respeitando esses quatro pontos básicos de leitura, o leitor conseguirá compreender adequadamente o assunto e a problemática em questão. Após esses passos, você terá condições de escrever mais sobre o assunto.

A leitura crítica comporta uma série de etapas para a sua interpretação. São elas: *i.* a análise textual (que ocorre na primeira leitura), *ii.* a análise temática (que ocorre na segunda e terceira leitura) e, por fim, *iii.* a problematização (que é feita na quarta leitura). Veremos essas etapas mais detidamente logo abaixo:

i. Análise textual: é o primeiro contato do leitor com o texto. Consiste numa leitura rápida na qual o leitor se familiarizará com o assunto, a estrutura do texto e o autor. Por isso, você deve investigar o contexto histórico no qual o texto foi escrito, bem como, a qual corrente filosófica ele pertence. Na etapa de análise textual há sempre o levantamento de dúvidas de vocabulário, de tal forma que nessa etapa é necessário ter sempre o dicionário por perto. O objetivo da análise é a identificação de características que auxiliem na compreensão do texto. Por ser um nível inicial de leitura, ela é mais direta e literal, podendo ter as seguintes partes:

1) Delimitação da leitura: será lido todo o texto ou somente uma parte;

2) Levantamento de vocabulário: identificação de palavras e conceitos desconhecidos;

3) Informações adicionais sobre os conceitos: em caso de dúvidas, recorrer às fontes especializadas;

4) Busca de informações sobre o autor: contextualização histórica e filosófica;

5) Primeira leitura panorâmica: prévia identificação de pontos relevantes;

6) Encontro mental da ideia principal do texto;

7) Compreensão do raciocínio do autor: perceber o que o autor tentou demonstrar em seu texto, sua estrutura lógica e argumentativa.

ii. Análise temática: compreender a segunda e a terceira leitura. É o momento em que o leitor consegue compreender o raciocínio do autor, identificando com clareza o problema em questão, a defesa, as ideias centrais e secundárias. Somente nessa etapa o texto conseguirá fazer-se entender com profundidade. É o momento da abstração e da percepção dos elementos que se relacionam e influenciam um ao outro, pois, dessa forma, fazemos analogias e confrontamos ideias. É preciso ter em mente que na segunda leitura você irá apenas grifar os pontos importantes e que, somente na terceira leitura você irá escrever no próprio texto os pontos relevantes. Para auxiliar na análise temática, podemos fazer perguntas norteadoras, tais como:

1) Do que se trata o texto?

2) Qual é o tema?

3) Quais são os problemas?

4) Como o autor argumenta?

5) Qual é a tese defendida pelo autor?

6) Como o autor explica a sua posição?

7) O autor comprova a sua hipótese?

8) Há ideias secundárias?

Fazendo essas perguntas, ficará mais fácil a compreensão do problema estudado no texto. É nessa etapa que o texto será compreendido e não interpretado. Todas essas atividades nos conduzem à compreensão, explicação e não à interpretação. Esta virá apenas na última fase.

iii. Problematização: na última leitura, haverá a interpretação do texto, ou seja, a análise crítica propriamente. É a fase que auxiliará no processo crítico entre o leitor e o conhecimento passado pelo autor. É o momento do diálogo, uma vez que a partir das hipóteses levantadas pelo autor o leitor poderá apresentar um posicionamento próprio.

É preciso desenvolver então a crítica, examinando a coerência do texto (se o autor não se contradiz), se consegue solucionar o problema proposto, se avança na discussão ou não tem originalidade, etc. Não uma crítica gratuita, baseada no gosto e na opinião individual, subjetiva, mas aquela que surge de nosso entendimento da proposta do próprio texto. Trata-se da crítica objetiva, que não depende do nosso gosto e que está fundamentada em aspectos do próprio texto. Ao chegar a esse ponto da leitura, teremos completado nossa análise. Saberemos dizer do que o autor trata, quais os itens por ele enfocados, sob que ponto de vista o assunto foi desenvolvido e qual sua contribuição à discussão daquele assunto. Nessa fase, o leitor terá em mãos:

1) O conteúdo do texto;

2) As principais passagens do texto;

3) O conjunto do pensamento do autor;

4) A situação do autor dentro de sua corrente de pensamento;

5) Demais pensadores que influenciaram o autor;

6) Os pressupostos implicados no texto;

7) A coerência do pensamento do autor;

8) Levantamento das principais ideias do texto como um todo;

9) Formulações críticas do texto;

10) Críticas positivas e negativas.

Após termos essas respostas, podemos discutir em grupo ou mesmo individualmente os principais problemas surgidos a partir da leitura do texto. A leitura de outros textos deverá seguir a mesma lógica e será de grande importância para a compreensão do debate acerca da problemática. Somente a partir da problematização do texto lido é que poderemos ir além da leitura, rumo à crítica. Essa é a importância de aprender a ler mais crítica e profundamente.

3.3. Como Fazer um Texto

Um texto deve, obrigatoriamente, conter três partes, a saber: introdução, desenvolvimento e conclusão. Qualquer texto deve conter essas três partes, haja vista que essa organização permitirá a clareza de ideias no decorrer de todo texto. Por isso, ele deve conter todas as

ideias que serão apresentadas no decorrer do texto. Escreva com calma, uma parte de cada vez.

O começo do texto é a introdução, na qual, deverão constar questionamentos que serão respondidos no desenvolvimento. Tente apresentar o tema de maneira interessante. Após o término da introdução, leia-a como se você fosse o leitor e tente identificar se possui sequência lógica ou se há algum erro de concordância ou frases mal construídas. Essa atividade de leitura por partes do seu próprio texto o tornará mais claro. Somente coloque na introdução assuntos com que você trabalhará ao longo do texto; por isso, muito cuidado com a delimitação do assunto.

Será no desenvolvimento que os questionamentos levantados na introdução serão respondidos. Reserve, no mínimo, um parágrafo para cada problema a ser desenvolvido. Não faça parágrafos nem muito longos e nem muito curtos, tomando o cuidado para não abordar dois problemas diferentes em apenas um parágrafo. Tente responder aos questionamentos na mesma ordem em que forem colocados. Assim como foi feito na introdução, ao terminar o desenvolvimento e antes de chegar à conclusão, leia novamente o desenvolvimento observando a qualidade do seu texto.

O último momento do texto é a conclusão. Nessa parte você deverá concluir o seu pensamento. Dessa forma, você deverá retomar os pontos estudados no desenvolvimento e apresentar uma conclusão para eles, como um parecer final. A conclusão deve estar intimamente relacionada à introdução. Assim, para que a conclusão siga uma coerência, é altamente recomendável que você leia novamente a introdução, com o intuito de garantir que a conclusão esteja em conformidade com a parte inicial do trabalho. Se for necessário, faça também um pequeno resumo dos conceitos apreendidos no desenvolvimento.

3.4. Etapas da Pesquisa Bibliográfica

Para a compreensão da pesquisa bibliográfica, é necessário seguir uma série de procedimentos que envolvem fazer resenha, fichamento entre outros. Veremos as etapas da pesquisa logo a seguir.

3.4.1. Levantamento Bibliográfico

Ao realizar uma pesquisa bibliográfica, necessita-se, inicialmente, da seleção de um acervo da bibliografia pertinente. O primeiro levantamento pode conter artigos, revistas, livros de comentadores, teses de doutorado, dissertações de mestrado, jornais, vídeos, dicionários especializados e enciclopédias. Entretanto, no processo de leitura mais aprofundada, é de extrema importância a utilização das próprias obras dos filósofos.

Todo material coletado deve ser fichado, ou seja, deve ser catalogado em fichas, nas quais, constarão as informações básicas do material, tais como: título, autor, assunto abordado, entre outras informações. Após esse levantamento bibliográfico, você terá condições de determinar quais textos terão relevância para a sua pesquisa.

3.4.2. Resumo

O resumo é uma condensação de uma obra maior, na qual são destacados os elementos de maior relevância. A natureza do resumo dependerá da proposta de estudo, ou seja, do objetivo pretendido com ele. Nesse sentido, o resumo pode ser de um filme, um livro de literatura ou uma obra filosófica. O resumo contém o título da obra, o autor, as principais informações, como a finalidade da obra, sua metodologia e resultados. Ademais, alguns tipos de resumo permitem que o autor utilize a referência a outros textos para a sua execução

(por exemplo, textos de outros trabalhos científicos), todavia não cabe ao resumo o uso de juízos valorativos ou críticos (essa modalidade cabe apenas à resenha, que veremos logo a seguir).

Auxiliando a compreensão do assunto, bem como facilitando o manuseio do texto, o resumo traz dinâmica para a pesquisa, uma vez que o pesquisador não necessitará retomar aquela obra para relembrar o que estava contido nela. Os elementos que devem ser destacados no resumo são:

- A temática do texto;
- A finalidade do texto;
- A argumentação e a lógica do raciocínio do autor;
- A proposta e a conclusão do autor do texto que está sendo resumido.

Quanto ao aspecto formal do resumo, alguns elementos devem ser levados em conta, como a linguagem clara e coesa, evitando a utilização apenas de tópicos e de fases inteiras copiadas do texto original. Para que haja uma sequência lógica em relação ao texto original, o resumo deve seguir a mesma ordem de ideias e fatos apresentados no texto original e, de preferência, na terceira pessoa. O resumo deve ser compreensivo a tal ponto que quem o ler pode dispensar a consulta do texto original.

De acordo com a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), os resumos podem ser classificados em indicativo, informativo, crítico ou recensão. Os *resumos indicativos* contêm apenas os tópicos principais do texto, como uma espécie de sumário narrativo (como no exemplo B), indicando apenas superficialmente os conteúdos. O resumo indicativo não deve ultrapassar 14 linhas. O texto é escrito em forma de tópicos, abarcando apenas os pontos mais fundamentais.

O *resumo analítico* é o tipo de resumo que reduz substancialmente o texto, excluindo qualquer tipo de gráfico, citações e a maioria dos exemplos (deixando apenas os mais relevantes). Em outras palavras, o texto deve estar o mais sucinto possível. A finalidade desse procedimento é apenas o de garantir as ideias principais do texto. Por fim, o *resumo crítico*, assim como os outros, deve ser claro e sucinto, contendo as ideias fundamentais do texto original.

A) Resumo de Textos Curtos

Há alguns métodos diferentes para confeccionar um resumo. Um bom método é traduzir a ideia central de cada parágrafo. Assim, o ideal seria sublinhar os pontos importantes de cada parágrafo e, depois, tentar escrever a ideia central das frases sublinhadas em um texto de resumo. Porém, você deve tomar cuidado para que o resumo não fique muito grande. Em geral, um texto curto consegue ser resumido em apenas um parágrafo. Para que o resumo seja claro e conciso, não faça compilações do texto original, apenas utilize frases com as suas próprias palavras. Em caso de dificuldades para a realização do resumo, você pode, antes de redigi-lo, fazer um esquema das palavras sublinhadas para somente depois iniciar a escrita.

> De acordo com as regras da ABNT, os resumos de textos curtos devem conter até 100 palavras.

B) Resumo de Textos Longos

Os resumos de livros e teses são longos, por isso podem ser feitos em mais de um parágrafo. Nesses casos, os procedimentos para a sua

realização são mais complexos que apenas os grifos. Nessa situação, é necessário:

1) A leitura integral do texto com o objetivo de familiarização com o tema;

2) Grifar os pontos relevantes do texto com o intuito de identificar a ideia central da obra;

3) Confeccionar um esquema de texto a partir do que foi sublinhado;

4) A partir do esquema, fazer um rascunho de como será feito o texto;

5) Ler todo o rascunho e procurar resumir um pouco mais;

6) Fazer o texto com todas as alterações realizadas.

> Segundo as normas da ABNT, o resumo de artigos e monografias deve ter até 250 palavras, ao passo que, o resumo de relatórios e teses pode conter até 500 palavras.

O resumo deve ser entendido como uma nova criação do texto em questão, ou seja, uma nova maneira de lidar com as ideias do texto original.

3.4.3. Resenha

A resenha é um tipo de resumo crítico, entretanto mais abrangente e munido de juízo valorativo. Em outras palavras, a

resenha reduz o texto original incluindo juízos valorativos, opiniões e comentários. É permitida a comparação com outras obras da mesma área ou de outra corrente de pensamento.

O processo inicial da resenha é muito semelhante ao do resumo crítico. Primeiro, são destacados os aspectos relevantes de cada parágrafo, em seguida confecciona-se um esquema, posteriormente um rascunho, para somente ao final escrever o texto. Todavia, ao final ou ao longo do texto, deve ser colocado o ponto de vista de quem realiza a resenha. A resenha pode ser descritiva ou crítica.

A *resenha descritiva* não possui nenhum juízo de valor e é apenas para pura descrição dos fatos. Ela deve conter as informações mais relevantes do texto, tais como: o título da obra, o nome do autor, nome da editora, qual coleção faz parte, a data e o lugar da publicação, paginação, estrutura da obra (número de capítulos e itens), as ideias centrais da obra, o ponto de vista abordado pelo autor original (aspectos teóricos) e a contextualização da obra. Nos casos de textos estrangeiros, deve ser acrescido o título da obra na versão original e o nome do tradutor.

A *resenha crítica* possui apreciações e correlações críticas estabelecidas pelo resenhista. Essa modalidade de resenha possui 3 (três) partes básicas. A primeira consiste em um resumo da obra em questão. A segunda é uma crítica, e a terceira é a formulação de um conceito de valor do autor da resenha. Nesse sentido, a resenha crítica proporciona o conteúdo do texto original, bem como novas formas de abordar o tema para o leitor do texto. Por isso, é preciso conhecer muito sobre o assunto para elaborar uma resenha crítica.

Os requisitos básicos para a elaboração da resenha crítica são:

- Competência na área;
- Leitura;
- Condição de produzir juízo de valor;

- Fidelidade à corrente filosófica do filósofo.

3.4.4. Fichamento

O fichamento ou "ficha de leitura" é o registro da leitura realizada sobre determinada temática. Constitui um grande instrumento de estudo acadêmico, haja vista que através do fichamento que você terá acesso não só aos textos lidos, como também às referências das páginas. Imagine, por exemplo, se, ao escrever sobre um artigo, você tem que ler ele novamente todas as vezes para procurar as citações que deseja. O trabalho será muito grande. Dessa forma, o fichamento auxilia o pesquisador a encontrar as informações necessárias mais facilmente. Assim, o fichamento permite o armazenamento das informações bibliográficas em fichas de leitura, que formarão o seu fichário de estudo (seja no computador ou em arquivo de papel). Permitindo:

- Conhecer as obras;
- Identificar os textos;
- Conhecer o conteúdo dos textos;
- Conhecer cada especificidade importante da obra;
- Fazer e encontrar citações;
- Analisar o material;
- Elaborar apontamentos;
- Realizar críticas.

Para a realização do fichamento, é necessária, antes de tudo, a leitura atenta do texto original. Após a leitura, é necessário analisar o texto e separá-lo em partes. A separação em partes permitirá compreender cada elemento do texto. As etapas de análise são quatro, a saber:

1) Leitura simples do texto;

2) Leitura complexa do texto, tentando apreender todos os seus significados, e separando o texto em partes, o que permitirá compreender toda sua complexidade;

3) Leitura provocativa, ou seja, leitura atenta com crítica;

4) Problematização do que foi lido através do levantamento de questões e possíveis delimitações do texto original.

Dentre as formas de análise de texto apresentadas, a que possui características mais acadêmicas é o fichamento, haja vista que é possível realizar uma pesquisa sem o uso de resumos ou resenhas, entretanto é impossível realizar a pesquisa bibliográfica sem o uso adequado do instrumento do fichamento. Se o pesquisador optar por fazer o fichamento via computador, poderá ser utilizado o programa de textos do *Word*, sem a necessidade de limites de linhas. Porém, se for utilizado o fichário de papel, as fichas deverão seguir as dimensões seguintes.

Tipo grande	12,5 cm X 20,5 cm
Tipo médio	10,5 cm X 15,5 cm
Tipo pequeno (internacional)	7,5 cm X 12,5 cm

As fichas deverão ainda possuir:

- Cabeçalho - constando o tipo de fichamento;
- Bibliografia - obra que está sendo fichada;
- Texto - resumo da obra, citações, comentários, anotações e juízo de valor;
- Formato da obra - digital ou impresso.

As fichas podem ser de origem bibliográfica, citações, de conteúdo, esboço ou analítica. É o que veremos logo a seguir.

Ficha Bibliográfica

Na ficha bibliográfica, estão contidas as informações acerca das referências das obras selecionadas. Tais informações facilitarão o encontro da fonte da pesquisa, bem como a confecção das suas referências bibliográficas. Exemplo:

Ficha bibliográfica
Texto a ser confeccionado: *Ética e eudaimonia no pensamento de Aristóteles.* ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Antonio de Castro Caiera. São Paulo: Atlas, 2009.

GUERREIRO, Mario A. L. O conceito de *eudaimonia* em Aristóteles: seu significado para nós. **Revista Brasileira de Filosofia,** São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, v. 51, n. 204, p. 445-474, out.-dez./2001.

HOBUSS, João. A felicidade como um bem de segunda ordem em Aristóteles. **Razão e Fé: Revista Inter e Transdisciplinar de Teologia, Filosofia e Bioética,** Pelotas: EDUCAT, v. 7, n. 2, p. 155-162, 2005.

SILVEIRA, Denis Coitinho. ***Os sentidos da justiça em Aristóteles.*** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ZINGANO, M. Particularismo e universalismo na ética aristotélica. **Analytica,**1 (3), 1996, p. 75-100.

Ficha de Citações

Com o intuito de facilitar as citações ao longo do texto a ser produzido, a ficha de citação é constituída palas passagens mais significativas da obra lida. Para a devida formatação, as referências devem vir entre aspas e com a referência da página em que foi retirada ao final da citação. Caso no original haja erros de grafia, deve ser colocada a palavra (sic) entre parênteses, por exemplo: "a angústia camuseana emerge da anciedade (sic) perante a vida" (referência). Nas situações em que uma palavra é omitida, utiliza-se de três pontos entre parênteses. Como no exemplo: "Entre as diversas obras de Albert Camus *O Mito de Sísifo* é a mais filosófica [...] seguida de *O Homem Revoltado*". Porém, as omissões no início ou final da citação não precisam ser indicadas. Segue um exemplo de ficha de citação.

Ficha de citação
DWORKIN, R. *Levando os Direitos a sério.* São Paulo: Martins Fontes, 2002. "A política aquele tipo de padrão que estabelece um objetivo a ser alcançado, em geral uma melhoria em algum aspecto econômico, político ou social da comunidade" (p.35). "Denomino princípio um padrão que deve ser observado não porque vai promover ou assegurar uma situação econômica, política ou social considerada desejável, mas porque é uma exigência de justiça ou equidade ou alguma outra dimensão da moralidade [...] utilizarei o termo "princípio" de maneira genérica para indicar todo esse conjunto de padrões que não são regras" (p.36).

Ficha de Resumo

Apresenta de forma clara e concisa as principais ideias do autor da obra. Não deve ser a compilação da obra e nem ser confeccionada no modelo de sumário, não obstante deve ser fiel ao pensamento e à lógica de pensamento do autor. A ficha de resumo segue a mesma estrutura da confecção de um resumo comum (ponto que já abordamos nas páginas acima). Observe os exemplos:

Exemplo A - Ficha de resumo de uma obra inteira

Ficha de resumo
DWORKIN, Ronald. *Domínio da Vida*. 2009. Nesta obra, o filósofo lida com a questão da dignidade humana em temas polêmicos da bioética, tais como: aborto, eutanásia e liberdade individuais. Fazendo uso da concepção de santidade da vida, Dworkin apresenta que a dignidade pode tanto justificar a vida ou a morte. A metodologia utilizada pelo filósofo foi a pesquisa bibliográfica seguida do estudo de casos da jurisprudência norte americana.

Exemplo B - Ficha de resumo de parte da obra ou de um capítulo específico.

Ficha de resumo
DWORKIN, Ronald. *Domínio da Vida*. 2009, p. 251 – 307. No capítulo *Morrer e viver* da obra *Domínio da vida*, Dworkin considera os principais elementos que devem nortear os questionamentos sobre a eutanásia. Deve-se considerar o estado do paciente: *a.* ele está consciente e é capaz de autonomia; *b.* ele está consciente, porém não é competente fisicamente para por fim a sua vida. Nesse caso, ele precisa de ajuda de outra pessoa para 'garantir' sua morte. É o caso de eutanásia ativa, em que o médico auxilia o paciente no seu intento de por um fim à vida; c. terceiro, ele está inconsciente, *i. e.*, estado vegetativo ou coma persistente, de modo a não sentir e nem responder a estímulos externos. Cada situação em

particular precisa, necessariamente, levar em consideração três elementos para a tomada de decisão em cada caso: autonomia, interesses fundamentais do paciente e sacralidade da vida.

Ficha de Esboço

A ficha de esboço é muito parecida com a ficha de resumo, devendo conter as principais ideias do autor, porém de maneira um pouco mais detalhada. Por isso, é a ficha mais extensa e detalhada. Exige a indicação das páginas à esquerda da ficha. Como no exemplo abaixo.

Ficha de esboço	
Obra: Utopia Autor: Thomas More No livro I (onde More descreve a famosa ilha de *Utopia*), o autor descreve o cenário caótico de seu tempo e discute os problemas inerentes à Inglaterra do séc. XVI. Como pontos principais de críticas destacam-se a desordem social, a desigual distribuição de riquezas, a fome, a injustiça nas penas dadas pelos tribunais, e o despotismo e ambição desmesurada dos monarcas. No fundo, trata-se de uma indignação moral contra o *status quo*. Prova disso é a crítica exacerbada contra o sistema de justiça, onde os pobres são compelidos por terrível necessidade a roubar e depois pagar por isso com a morte (cf. p. 26). De forma resumida, podemos destacar três "funções" para o livro I. 1ª Estabelecer a ligação entre o mundo real (Inglaterra do séc. XVI) com o mundo irreal (a sociedade da ilha de Utopia, cuja organização é descrita no livro II); 2ª A descrição do marinheiro Rafael Hytlodeu (perito em bagatelas) para entender o porquê de seus questionamentos; 3ª Introdução do elemento crítico, na medida em que, primeiro, a obra apresenta a realidade e depois incita à reflexão. Isso torna sua utopia como uma	*p. 21* *p.22* *p.26* *p.27*

forma de crítica social. *Livro II* O próprio título da obra aponta para a importância do livro II, onde More descreve a organização social dos utopianos como diametralmente oposta à sociedade inglesa de sua época. Aqui, são oferecidas soluções aos problemas recorrentes na sociedade real a partir de diversas medidas, tais como a abolição da propriedade privada, a proposta de uma igualdade social, ordenamentos sociais justos (não é permitido um governo tirânico), justiça nas penalizações...	*p.28* *p.35*

Ficha de Comentário

É a interpretação crítica das ideias apresentadas pelo autor ao longo de sua obra. O comentário pode versar sobre: a forma (método de desenvolvimento), o conteúdo (análise crítica da obra), interpretação (tornando-o mais claro), comparativo (comparando-o com outros textos da mesma área) ou de explicitação (ressaltando a relevância da obra para estudo).

Ficha de comentário
Comentário da obra: *Uma questão de Princípios*, capítulo: *O caso Bakke*. Autor: Ronald Dworkin. Ao fazer a análise da realidade das ações afirmativas, como no caso *Bakke*, Dworkin argumenta que tais ações não devem ser vistas como mecanismo de compensação, mas como medidas de integração, cujo objetivo principal deve ser ajudar a dar fim à discriminação, possibilitando a participação de todos nos mais diversos setores da sociedade. Seu argumento é de integração étnico-racial, cujo objetivo seria ajudar a dar fim à discriminação, possibilitando a participação de todos nos mais diversos setores da sociedade. O propósito da ação afirmativa seria, dessa forma, o enriquecimento da educação, garantindo um ambiente de ensino pluralista que fosse capaz de preparar os estudantes para viverem em uma sociedade de diversidade. Entretanto, esse argumento se revela problemático logo que exposto, haja vista que uma sociedade plural possui uma diversidade muito maior do que a mera distinção entre brancos e negros. Essa é uma distinção extremamente simplista, afinal tanto as sociedades norte-americanas como as brasileiras já são ricas em miscigenação. Assim, não há como dividir a população exclusivamente em brancos e negros, pois o pluralismo no qual essas sociedades se inserem é dotada de uma complexidade muito maior que essa simples distinção. Há indivíduos que não se encaixam em nenhum desses grupos, basta observarmos aqueles que são descendentes de várias etnias e de suas consequentes miscigenações. Partindo dessa dificuldade em enquadrar os indivíduos em raças, dar privilégios a um desses grupos é agir contra o pluralismo, uma vez que não há como privilegiar somente determinados grupos de minorias sem, necessariamente, ser injusto com outros grupos também representado por minorias.

3.5. Artigo Científico

O artigo científico e o *paper* possuem a mesma estrutura de desenvolvimento, porém, o *paper* é um pequeno artigo científico, e por isso mais limitado que o artigo. Os artigos são textos escritos para revistas e jornais especializados. O *paper* por sua vez é utilizado para exposições em congressos e reuniões científicas. Todas as duas modalidades de trabalho científico versam sobre algum determinado problema, apresentando hipóteses, dados e metodologias específicas, devendo sempre ter fundamento técnico-científico. O artigo deve ter de 15 a 20 páginas e o *paper* de 10 a 15 dependendo da finalidade do texto; por exemplo, apresentação em congresso, trabalho de final de disciplina na pós-graduação ou publicação em anais. O trabalho científico (*paper* ou artigo) deve conter os seguintes elementos:

- Título;
- Nome completo do(s) autor(es);
- Resumo e/ou *Abstract*;
- Introdução;
- Revisão da literatura;
- Metodologia;
- Desenvolvimento;
- Considerações finais;
- Referências bibliográficas.

3.6. Pôster

O pôster visa traduzir em linguagem visual os conceitos e informações mais importantes do processo da pesquisa filosófica que se está realizando. Sua utilização compõe uma estratégia para facilitar o processo de apresentação. É comum a utilização de pôsteres em feiras filosóficas, bancas de iniciação científica e algumas defesas de TCCs. O cabeçalho deve ser centralizado, fonte Times New Roman – tamanho entre 30 e 48, e conter:

- Título do trabalho;
- Nome do autor;
- Orientação;
- Curso;
- Instituição promotora.

O pôster, em geral, tem a dimensão de 1,20m (altura) X 0,90 cm de largura. A fonte do texto é: Times New Roman, tamanho 18 a 26. A estrutura básica deve seguir o modelo:

Autor: nome do autor – Sigla da Instituição

Orientador: nome do orientador – Sigla da Instituição

1. Introdução;
2. Objetivos;
3. Metodologia;
4. Atividades desenvolvidas;
5. Resultados esperados;
6. Considerações finais;
7. Referências bibliográficas;
8. Recursos de diagramação, como: cores, imagens, fotografias, gráficos, entre outros recursos visuais.

Metodologia da pesquisa e ensino de filosofia: Filosofia Antiga Autor: Mário Augusto (UFPel) Orientador: Evandro Barbosa (UFPel)

Introdução

XXXXXXXXXXXXXXXX

Objetivos

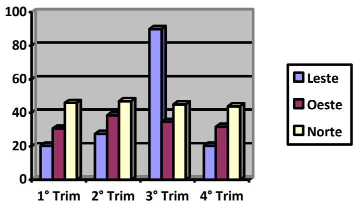
XXXXXXXXXXXXXX

Metodologia

XXXXXXXXXXXXXXXX

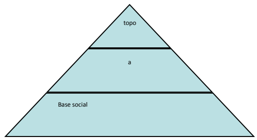
Atividades desenvolvidas

XXXXXXXXXXXXXXXXXX



Resultados esperados e alcançados

XXXXXXXXXXXXXXXXX



Considerações Finais

XXXXXXXXXXXXXXX

Referências Bibliográficas

XXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Questões sobre o projeto a serem respondidas:

1. Você conhece a posição de especialistas sobre o assunto escolhido? Procure numa biblioteca próxima ou pela internet o ponto de vista de, pelo, menos, dois deles, que servirão de fundamentação inicial para seu projeto de pesquisa.

2. Escolha um texto de especialistas sobre o assunto escolhido que contenha aproximadamente 40 páginas. Faça um fichamento dele.

3. Escolha uma obra do autor escolhido para o projeto e faça uma resenha da obra.

4. Como você irá trabalhar para responder às perguntas propostas em sua pesquisa? Faça uma descrição desses passos e dos argumentos a serem utilizados, considerando que os estudos feitos sobre a estrutura de um trabalho de pesquisa.

5. Qual livro de literatura você mais gostou de ler? Por quê? Faça um breve resumo dele.

4. PROJETO DE MONOGRAFIA

4.1. Passos de um Projeto de Monografia

Para que a pesquisa científica seja desenvolvida com qualidade, devemos respeitar certas normas e procedimentos. Dentre eles, o principal é a elaboração de um projeto de pesquisa antes de dar início, propriamente, à pesquisa. O projeto deve conter em linhas gerais o que pretende ser desenvolvido, como e por quê. Logo abaixo, seguem os procedimentos que devem ser delimitados na elaboração de um projeto de pesquisa.

A) Assunto - é o tema proposto. Deve buscar ser atrativo e relevante para a área pretendida. Necessita ter clareza, ser compacto e compatível com o que se propõe investigar. Exemplo de assunto: a teoria igualitária de Ronald Dworkin.

B) Delimitação do Assunto - é a redução do assunto que se propõe trabalhar. Na medida em que se reduz (delimita) o assunto, aumenta-se a sua compreensão. É altamente recomendável que se proponha apenas um tópico para ser analisado. Exemplo: o problema do leilão hipotético no igualitarismo de Dworkin.

C) Justificativa do Assunto - é a explicação do motivo pelo qual se escolheu trabalhar com determinado assunto, ou seja, qual a importância dentro do universo científico a ser estudado. Exemplo: tendo em vista que a adoção de políticas liberais vem ocasionando discrepante desigualdade social, emerge a necessidade do estudo de

uma política de distribuição de recursos que busque soluções palpáveis aos problemas sociais emergentes.

D) Revisão da Literatura - trata-se do estudo preliminar e sintetizado de textos e obras que trazem informações acerca do problema. É a pesquisa bibliográfica com vistas a trazer fontes de estudo para o trabalho em questão.

E) Formulação do Problema – De forma clara e distinta, deve-se fazer uma pergunta, ou seja, o problema é o questionamento ao qual a pesquisa buscar responder. A formulação deve conter a analise crítica do pensamento do autor, por isso, deve-se primeiramente realizar a revisão literária, para em seguida, formular o problema. Exemplo: o leilão hipotético proposto por Dworkin como alternativa para a promoção da igualdade de recursos pode ser praticado na atualidade?

F) Procedimento - é responsável por detalhar os recursos metodológicos necessários para atingir o estudo do objetivo proposto. Nele é exigida a conduta de detalhamento dos registros de dados e coletas.

G) Análise dos Dados - essa fase ocorre após a classificação e posterior análise dos dados coletados. Seu objetivo é a comprovação das hipóteses propostas.

H) Discussão dos resultados – essa fase compreende a discussão de todos os resultados obtidos com os levantamentos e análises

anteriores. Agora, todas as informações passarão pelo julgamento do pesquisador sob a luz do pensamento do autor escolhido para trabalhar.

I) Elaboração de um cronograma – é o planejamento de tempo para cada fase da pesquisa. Funciona como um plano de distribuição de tempo das diferentes etapas da execução da pesquisa, garantido que se desenvolva a pesquisa dentro do tempo determinado. Exemplo de cronograma:

Cronograma de elaboração do projeto de monografia (exemplo)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Coleta de dados	X	X							
Revisão bibliográfica			X						
Análise de dados				X	X				
Elaboração do projeto de pesquisa						X	X	X	
Revisão do Projeto									X

4.2. Citações

Todos os textos científicos produzidos no Brasil devem estar de acordo com as normas da ABNT, que é responsável pela padronização textual utilizada no Brasil. Segundo a ABNT, a citação é a "menção de uma informação extraída de outra fonte" (ABNT, 2002b, p.1). Em outras palavras, as citações são pequenos trechos de textos dos autores que são incluídos no texto do pesquisador, com o intuito de auxiliar na compreensão e fundamentação da pesquisa, podendo ser livre, textual ou indireta.

Citação livre – na paráfrase, não há uma citação literal do texto, todavia este é utilizado como suporte referido no texto em elaboração. Ocorre quando utilizamos especificamente a ideia do autor, porém com as nossas palavras. Mesmo nos casos de citação livre, o escritor deve fazer referência ao texto original. Para melhor compreensão, voltamos ao exemplo da teoria política de Dworkin. Vamos imaginar que eu estou elaborando um texto no qual eu desenvolvo o que é política pública para Dworkin. Então, prossigo afirmando (como se o texto fosse somente meu): no pensamento dworkiniano, as políticas públicas são padrões com finalidade social. São responsáveis por envolver as metas políticas, tendo como consequência uma finalidade coletiva, ou seja, um bem público. Em outras palavras, as políticas públicas podem ser identificadas como os objetivos políticos do governo, tais como: as políticas econômicas, ambientais, de segurança pública, de desenvolvimento agrário, de ações afirmativas entre outras. (cf. DWORKIN, 2002, p.36).

É possível perceber que nesse trecho do texto não são utilizadas as aspas, pois não foi feita um citação específica, ou seja, com as mesmas palavras do autor. O que foi realizado é o comentário do texto original de Ronald Dworkin. Por esse motivo, é utilizada a terminologia *cf.* de confira, juntamente com o sobrenome do autor em letras maiúsculas, a data da obra e a página na qual eu me baseei para fazer o texto.

Citação Textual – também conhecida como transcrição ou citação rígida, é a compilação *ipsis literis* das palavras do autor citado. Nesse tipo de citação, o texto é reproduzido exatamente como ele foi escrito. Por exemplo, escreve Amartya Sen:

> O desenvolvimento pode ser visto, argumenta-se aqui, como um processo de expansão das liberdades reais de que desfrutam as pessoas. Enfocar a liberdade humana contrasta com concepções mais estreitas do desenvolvimento, como as que o identificam com o crescimento do produto nacional bruto ou com o aumento da renda pessoal, ou com a industrialização, ou com o avanço tecnológico, ou com a modernização social. Ver o desenvolvimento em termos da expansão das liberdades substantivas dirige a atenção para os fins que tornam o desenvolvimento importante, antes que meramente para os meios, que, inter alia, cumprem parte proeminente no processo (SEN, 2000, p.3).

Nessa passagem da obra *Desenvolvimento como liberdade*, Sen se refere a sua de teoria igualitária que é representada pela igualdade de distribuição de capacidades. Para que o texto não fique truncado ou com citações desconexas, é importante tecer um comentário acerca do que foi transcrito logo abaixo da citação, garantindo assim a sequência lógica e fluência do texto. Nesses casos, a referência é o sobrenome do autor em maiúsculo, a data ou o nome da obra e o número da página de que foi retirada.

Citação de Citação – é o mesmo que a citação indireta, ocorrendo quando há uma citação de um autor que se refere a outro. Nesse caso, devemos recorrer à expressão latina, "*apud*" que significa citado por, e deve estar sempre em itálico, ocorrendo quando se traz o pensamento de um autor, que por sua vez está fazendo referência a outro autor. Exemplo: quando Oliver Todd, ao comentar os conceitos de absurdo e revolta no pensamento de Albert Camus, afirma: Segundo Camus: "Como devemos nos conduzir, em geral e durante esses anos obscuros, quando não acreditamos nem em Deus nem na razão?" (CAMUS *apud*, TODD, 1998, p.308).

O recorte acima demonstra uma citação da citação, sua referência deve conter o nome de quem fez a afirmação, *apud* em itálico e o nome do comentador e da obra do comentador. Encontramos duas especificidades do trecho acima. A primeira é o fato de ser uma citação de citação, e a segunda é a presença da citação rígida de Camus, ou seja, Todd expôs exatamente as mesmas palavras de Camus.

Ao utilizar o recurso da citação, o pesquisador precisa ficar atento para evitar erros, utilizando-a com cautela e evitando o seu uso excessivo ou iniciar e terminar textos com ela. Uma citação mal elaborada ou mal colocada pode comprometer a lógica de sua argumentação. Ademais, é preciso atentar para a sua metodologia de uso. As citações podem apresentar-se de duas formas:

Citações Curtas – são citações de no máximo três linhas, que devem continuar no mesmo formato do corpo do texto e estar entre aspas. Veja o exemplo a seguir: A vida tem seu valor e seu vigor: mesmo diante de verdades importantes, muitos homens já abdicaram de suas ideias em favor da própria vida. Como Galilei que apesar de ter sustentado uma verdade científica importante, nas palavras de Camus, "abjurou dela com a maior tranquilidade assim que viu sua vida em perigo" (CAMUS, 2004, p.17).

Citações Longas – São citações com mais de três linhas e por esse motivo são apresentadas em destaque, constituindo um parágrafo independente. Seu recuo deve ser de 4 cm da margem esquerda, o texto não pode estar entre aspas; deve ser digitado em espaço simples e com a fonte da letra dois pontos menores que a fonte do corpo do texto. Veja o exemplo: Camus afirma que estamos num destino esmagador, vivemos com todas as alegrias e dificuldades da vida, iremos morrer e não sabemos se há algo que justifique o fato de vivermos, já que a vida tem um fim. Nesse sentido, pode-se pensar que o suicídio é fruto de uma revolta que o responde, já que suicidar-se é, em certo sentido, admitir a certeza de um futuro destruidor. Porém, Camus argumenta que:

> aqui se vê como a experiência absurda se afasta do suicídio. Pode-se pensar que o suicídio se segue à revolta. Mas é um engano. Porque ele não representa seu desenlace lógico. É exatamente o seu contrário, pela admissão que supõe. O suicídio, como o salto, é a aceitação em seu limite máximo. Tudo se consumou, o homem retorna à sua história essencial. Divisa seu futuro, seu único e terrível futuro, e se precipita nele. À sua maneira, o suicídio resolve o absurdo. Ele o arrasta para a própria morte. Mas eu sei que, para manter-se, o absurdo não pode ser resolvido. Recusa o suicídio na medida em que é ao mesmo tempo consciência e recusa da morte (CAMUS, 2004, p.66).

Há ainda outro recurso técnico necessário para a adoção de referências e notas, são expressões latinas que devem aparecer *sempre em itálico*. Observe:

- *Opus citatum* ou *op. cit.* – obra citada;

- *Ibidem* ou *ibid.* – na mesma obra.

- *Idem* ou *id.* – igual à anterior;

Quando as citações se repetem, ou seja, o mesmo pensador e a mesma obra sem referências intercaladas de outros pensadores ou obras, utiliza-se o seguinte procedimento:

1. CAMUS, Albert, 2004, p. 05.

2. ______. *Op. cit.*, p. 06.

3. ______. *Idem*, p. 07.

4. *Idem, ibidem*, p. 08.

Entretanto se o autor for intercalado, utiliza-se o seguinte recurso:

1. CAMUS, 2004, p. 05.

2. ______. *Op. cit.*, p. 09.

3. ______. *Idem*, p. 11.

4. *Idem, ibidem*, p. 08.

5. DWORKIN, 2010, p. 24.

6. CAMUS, *Op. cit.*, p. 09.

4.3. Monografia

O termo monografia designa: *mono* = um e *grafia* = escrita, ou seja, é a pesquisa que aborda profundamente um problema único, pautado numa metodologia própria. Esse é, em muitas graduações, o trabalho final do curso. Não se deve confundir profundidade com extensão, número de páginas. Segundo Marcantonio, uma monografia requer

> [...] um tratamento aprofundado e exaustivo, que não deve ser confundido com extensão. A característica essencial da monografia é a forma de estudo de um tema (unicidade) delimitado, uma atualidade e originalidade acompanhada de uma contribuição importante para ampliação do conhecimento específico (MARCANTONIO; SANTOS; LEHFELD, 1993, p.65).

Então, a monografia tratará de uma única questão. Essa definição pode parecer muito genérica; entretanto, o que delimitará o tipo de pesquisa será o grau de profundidade que o pesquisador dará a ela, ou seja, a monografia, dependendo da sua profundidade, poderá ser um trabalho de iniciação científica, conclusão de curso, pós-graduação *lato sensu*, dissertação de mestrado ou tese de doutorado. Por sua vez, a monografia de final de curso de graduação funcionará como um relatório de pesquisa que decorre de uma investigação, seja ela uma pesquisa de campo, de laboratório ou bibliográfica. Não deve ser

apresentada apenas como uma reunião de partes de trabalhos de outros pesquisadores, mas consistir em uma reflexão complexa, criativa, crítica e autônoma, dotada de coerência e sequência lógica.

4.3.1. Divisão da Monografia

A monografia divide-se basicamente em quatro partes:

1. Introdução

2. Desenvolvimento

3. Considerações Finais

4. Referências Bibliográficas

Introdução - a função introdutória da monografia é anunciar o tema, expor o problema, a justificativa, a relevância, os objetivos e os procedimentos de abordagem da pesquisa. Ademais, a introdução funciona como um convite para que o leitor sinta-se motivado a dar continuidade à leitura do trabalho. Nessa fase, o escritor não deve aprofundar os conceitos e resultados. Além de apresentar, o escritor necessitará apresentar uma breve introdução de todos os capítulos que serão trabalhados na pesquisa.

Desenvolvimento – é a parte mais extensa do trabalho, podendo ser dividida em capítulos ou seções temáticas. Nessa fase, está contida a fundamentação teórica, a demonstração do processo e o resultado da pesquisa. Normalmente o desenvolvimento se divide em: *i.* explicação (apresentação clara do problema em questão), *ii.* Discussão (exposição de motivos e argumentos), e por fim*, iii.* Demonstração (aplicação da

argumentação própria por meio de encadeamentos lógicos, suas premissas acerca do que foi discutido).

Considerações finais – consiste no fechamento de todo o trabalho, a síntese de todo o processo reflexivo, demonstrando as diversas partes do estudo. A conclusão da monografia deve conter um resumo de todo o raciocínio do trabalho, bem como uma pequena conclusão de cada seção ou capítulo. É vedado à monografia o uso de novos conceitos que não foram discutidos no desenvolvimento da pesquisa.

Referências bibliográficas – é a reunião de todos os livros, artigos, entrevistas, multimeios lidos ao longo de todo o trabalho. A citação das obras deve seguir as regras da ABNT ordenadas em ordem alfabética.

Em algumas pesquisas, há ocorrência do uso de **anexos**, que são elementos complementares que auxiliam no entendimento da pesquisa, podendo ser composto de quadros, mapas, figuras, fichas de observação, documentos jurídicos, questionários e registros utilizados no empreendimento da pesquisa.

4.3.2. Referências

Livros – quando nas referências bibliográficas for necessário citar algum livro, deve ser descrito da seguinte forma:

Obras nacionais: SOBRENOME, Nome. *Título da obra*: subtítulo (se houver). Edição. Local: Editora, data. Número de páginas ou volumes (série), quando houver mais de um volume ou série.

Exemplo:

MATHIAS, Marcelo Zaffiri. *A felicidade e Albert Camus: aproximação à sua obra.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Obras traduzidas: SOBRENOME, Nome. *Título da obra*: subtítulo (se houver). Tradutor. Edição. Local: Editora, data. Número de páginas ou volumes (série), quando houver mais de um volume ou série.

Exemplo:

DUBET, François. *O que é uma escola justa?* Traduzido por Ione Ribeiro Valle. São Paulo: Cortez, 2008.

Revistas ou Periódicos – ao citar uma referência de revistas ou periódicos, é necessário respeitar o seguinte método: SOBRENOME, Nome. Título: subtítulo (se houver), *Nome do periódico*, local da publicação, volume, número, paginação, data da publicação.

Exemplo:

DRANKA, Renata Aparecida Paupitz. Uma leitura da condição feminina nos contos "A mulher adultera" e "Jonas ou o artista no trabalho" de Camus, a partir da relação existencialismo e metáfora. *Linguagem em (DIS)curso*, Tubarão, v.2, n.1, p.101-125, jul, 2001.

Anais - quando a citação for retirada dos anais de algum evento, deverá ser apresentada da seguinte forma: Título: Subtítulo (se houver) do evento, número, ano. Local de realização do evento. *Anais*... Local de publicação dos anais: Editora, ano. Total de páginas.

Exemplo:

III Congresso Internacional de Filosofia Moral e Política: Sobre Responsabilidade, 2013. Pelotas. *Sobre Responsabilidade*: Anais do III Congresso de Filosofia Moral e Política Contemporâneidade. Pelotas: NEPFil *on line*, série Dissertatio - Filosofia, 2014. 587p.

Teses e Dissertações - Quando são utilizadas teses ou dissertações como referência, usamos a seguinte metodologia: SOBRENOME, Nome. Título: subtítulo (se houver). Data da defesa. Total de folhas. Tese (Doutorado) ou Dissertação (Mestrado) – Instituição onde a Tese ou Dissertação foi defendida. Descrição física do suporte.

Exemplo:

MALACARNE, E. O tédio e a angústia em Sartre. 2008. 220f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

Artigo de Jornal – Para referências de artigos retirados de jornais, segue a forma: SOBRENOME, Nome. Título: subtítulo (se houver). Nome do jornal, local de publicação, página, data de publicação do jornal com o mês abreviado.

Exemplo:

ALVES, T. A consciência coletiva marxista. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p.3, 21 mai. 2010.

Trabalhos Publicados em CD-Rom – Para textos em CDs, a forma deve ser: SOBRENOME, Nome. Título: subtítulo (se houver). In: NOME DO EVENTO, número., ano. Local de realização do evento.

Anais... Local da publicação dos Anais: Editora, ano. Descrição física do suporte.

Exemplo:

RAMIRES, J. A influência tomista-aristotélica na justiça naturalista. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA DO DIREITO DA UFPEL, 2, 2014, Pelotas. *Anais...* Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2014. 1 CD-Rom.

Trabalhos Publicados na Internet – para artigos que sejam publicados em alguma página da internet, a metodologia é a seguinte: SOBRENOME, Nome. Título: Subtítulo (se houver). Nome do periódico, local de publicação, volume, número, mês abreviado. Ano. <endereço da URL >. Data do acesso.

Exemplo:

PAIVA, G. J. Dante Moreira Leite: um pioneiro da psicologia social no Brasil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 11, n. 2, jul./ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 12 mar. 2001.

DVD – devem seguir os seguintes elementos: AUTOR, EXECUTOR (compositor, intérprete, conjunto ou orquestra). Título (*em itálico*). Local: Gravadora, data. Número de unidades físicas (tempo de gravação): velocidade de execução.

MOURÃO, Tales. *Luz do amor*: as canções de Tales Mourão. Marabá: Velas, 1999. 1 DVD. 117m.

Atlas e mapas – elementos: TÍTULO de responsabilidade. Edição. Dados matemáticos. Publicação, distribuição. Descrição física. Série. Nota.

Exemplo:

ATLAS geopolítico internacional. São Paulo: Enciclopédia Britânica do Brasil, 2001. 421 p. Material cartográfico.

4.3.3. Notas de Rodapé

Também conhecidas como notas de pé de página, servem para explicar um conceito, apresentar uma curiosidade ou indicar referências de obras. São utilizadas ao final da página, pois a sua utilização no corpo do texto causaria perda de sequência lógica, argumentativa e estética. Em outras palavras, para que o texto não fique quebrado e com informações não tão necessárias à leitura, usam-se as notas ao final da página. As notas de rodapé podem aparecer ao final da página ou ao final de todo o texto. Quem escolhe é o pesquisador.

4.4. Elementos do Trabalho Monográfico

Elementos que compõem a apresentação do trabalho monográfico:

1. **Capa:** é obrigatória, haja vista que protege e identifica o seu trabalho. Ela não deve ser numerada e nem contabilizada.

2. **Folha de rosto:** a contagem das páginas começa a partir da folha de rosto, entretanto, mesmo ela estando na contagem, não deve

ser impresso o número no final de sua página. O número da página somente começará a ser impresso na introdução. Deve estar contida a nota referente ao trabalho, ou seja, a explicação da natureza do trabalho, mencionando o curso de graduação ou pós-graduação, o objetivo, a unidade institucional na qual o trabalho esta sendo apresentado, o grau pretendido, a área de concentração e o orientador.

3. **Folha de aprovação**: não entra na contagem de páginas e não deve ter paginação impressa. É obrigatória e vem logo após a folha de rosto. Contém os mesmos elementos da folha de rosto acrescidos da data de aprovação e dos dados de identificação da banca, bem como de suas respectivas assinaturas.

4. **Dedicatória**: é opcional e não deve ter o número da página impressa na folha. É o espaço para que o autor dedique uma homenagem às pessoas relevantes em sua vida profissional e pessoal.

5. **Agradecimento:** é opcional e não deve ter o número da página impressa na folha. É usado quando o autor quer agradecer àqueles que contribuíram diretamente e indiretamente na confecção da pesquisa.

6. **Epígrafe:** é comum o uso de epígrafe, embora não seja obrigatório. Não deve conter o número da página impressa. Pode ser uma frase, conceito, ideia, pequeno texto, poema, letra de música ou emblema que de alguma forma tenha relação com a pesquisa em questão. A referência da epígrafe deve constar nas referências bibliográficas. Exemplo:

Se fracassar, ao menos que fracasse ousando grandes feitos, de modo que a sua postura não seja nunca a dessas almas frias e tímidas que não conhecem nem a vitória nem a derrota.

Theodore Roosevelt

7. **Sumário:** apesar de ser obrigatório, não deve ter o número impresso em sua página. Nele conterá a enumeração dos capítulos, seções e demais divisões do trabalho, na mesma ordem, grafia e paginação com que aparecem no corpo do texto.

8. **Resumo:** apesar de ser obrigatório, não deve ter o número impresso em sua página. Consiste em escrever sucintamente e de maneira clara e direta uma apresentação sobre a pesquisa em questão. Deve contar aproximadamente 500 palavras em apenas um parágrafo. Devem ser destacadas as informações mais significativas do trabalho, como metodologias, objetivos, abordagens, resultados e conclusões. Abaixo do resumo, devem ser colocadas as palavras-chave da pesquisa. Por exemplo:

> O presente trabalho pretende discutir a influência das ideologias religiosas cristãs, em especial a católica, no processo de letramento dos indivíduos pertencentes às camadas mais populares da sociedade. Contudo, este âmbito de formação é vasto, sendo necessário delimitar a problematização apenas aos aspectos positivos e negativos do processo de letramento das camadas populares a partir das ideologias religiosas cristãs. Nesse sentido, o fato de as camadas mais pobres da população terem sido tomadas como objeto de estudo deve-se ao intrincado caráter de dominação religiosa delineado através de aparatos ideológicos opressores. A Igreja, por muitos anos, influenciou através de sua ideologia povos de diversos países e diferentes continentes, seja no comportamento social ou na educação como um todo. A

influência das religiões atinge de maneiras diferentes as pessoas, variando de acordo com cada classe social. Por isso, realizar uma análise histórica da influência religiosa no processo educativo permitirá determinar criticamente os aspectos positivos do letramento de cunho religioso e o problema de utilizar esse letramento como forma de dominação. Em suma, espera-se poder determinar em que medida o letramento pode ocorrer via esfera religiosa possibilitando uma aproximação do individuo com as práticas de leitura e escrita e, ao mesmo tempo, relega-o à condição de ideologicamente dominado.

Palavras-chave: Letramento. Igreja. Educação. Camadas sociais.

9. **Abstract**: sua obrigatoriedade dependerá do programa do curso, sendo exigido no mestrado e no doutorado, mas não na graduação. Não deve ter o número impresso na página. O *abstract* é a tradução do resumo para outra língua. Por exemplo:

Abstract: The notion of "conception" plays a central role in Thomas Reid's theory of perceptual knowledge, although "conception" might be studied for itself as a source of knowledge. In this study, we attempt to expose systematically the several contexts where Reid deals with the source of knowledge and the kind of mental operation called "conception". The purpose is to understand a specific aspect of the deliverances of "conception" in Reid's theory of perception, namely, a direct relationship, not mediated by ideas, between knowing subject and external world. To understand the operation of conceiving, which is intrinsic to and constitutive of perception, is an efficient way to comprehend the nature and content of perceptual knowledge. At this step, reflections on the relationship between mind and external world, that is, mind and material world, have to be made.

Keywords: Thomas Reid, conception, perception, relationship between mind and material world, direct perception.

10. **Texto:** deverá contar com introdução, desenvolvimento e conclusão.

11. **Referências bibliográficas:** as referências das fontes de pesquisa.

12. **Anexos ou apêndices:** são documentos complementares ou probatórios do texto. São opcionais e identificados por letras maiúsculas sequenciais, travessão e seguidos de seus respectivos títulos. Por exemplo:

ANEXO A – Projeto piloto;

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista.

13. **Lista de ilustrações, tabelas, abreviaturas e siglas e notações ou símbolos:** São opcionais e só devem ser colocados se houver a exigência de estarem contidos no texto. Cada item deverá constar com seu nome específico, seguido do número da página.

14. **Contracapa –** página em branco que encerra o trabalho.

Modelo de Capa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Departamento de Filosofia

Metodologia e prática de pesquisa em Filosofia

(NOME DO ALUNO)

Pelotas

Julho de 2014

Modelo de Folha de Rosto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Departamento de Filosofia

Metodologia e prática de pesquisa em Filosofia

Projeto de pesquisa apresentado ao departamento de filosofia como pré-requisito para a obtenção de crédito na disciplina de Metodologia e prática da pesquisa em filosofia sob a orientação do professor Dr. Evandro Barbosa

(NOME DO ALUNO)

Orientador: (NOME DO ORIENTADOR)

Pelotas
Julho de 2014

Modelo de Folha de Avaliação

PÁGINA DE AVALIAÇÃO

Nome do aluno

Trabalho apresentado como pré-requisito para a obtenção de créditos na disciplina de Metodologia e Prática de pesquisa em Filosofia, sob a orientação do professor Dr. Evandro Barbosa; lotado no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas.

____
____
____
____
____
____
____
____
____
____

Nota:________________________________

Assinatura

Pelotas

Julho de 2014

Modelo de Dedicatória

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus filhos pelo amor e apoio incondicional e aos meus queridos irmãos que sempre estiveram do meu lado.

Modelo de Agradecimento

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do curso, em especial ao Dr. Juliano do Carmo pela orientação e paciência. Muito obrigado!

4.5 Formatação do texto

↑
Margem superior: 3,0 cm

Margem do parágrafo: 2,0 cm

←Margem da citação longa: pode ser utilizado um espaçamento de no mínimo 4cm e no máximo de 7cm

Margem direita: 2,0 cm→

← Margem esquerda: 3,0 cm

Margem inferior: 2,0 cm
↓

Letra padrão – o texto deve estar sempre em formato justificado, ou seja, alinhado às margens direita e esquerda (Ctrl J). A letra utilizada como padrão é a Times New Roman de tamanho 12 ou fonte Arial de tamanho11.

Tamanho do papel - A4.

Citações acima de três linhas - Devem estar justificadas, com fonte 10, recuo de 4cm após a margem e espaçamento simples. O espaço entre o texto principal e a citação, é o mesmo espaço que vem antes de iniciar novo texto:

Para Maquiavel, o que governa, o que detém o poder, não é apenas o mais forte, mas o que se mostra capaz de manter-se no poder, se não por amor de seus súditos, ao menos pelo respeito deles. Para isso, vale lembrar a sua afirmação acerca de se é preferível o príncipe ser amado ou temido:

Espaço: 5,0 cm ¶

> (...) se é preferível ser amado ou temido. Responder-se-á que se preferiria uma e outra coisa; porém como é difícil unir, a um só tempo, as qualidades que promovem aqueles resultados, é muito mais seguro ser temido do que amado, quando se veja obrigado a falhar em um das duas. . . (CITAÇÃO)

¶

Claro que Maquiavel reconhece que o poder se fundamenta na força e a impetuosidade é uma característica. Mas o que fica patente a todo o momento em sua obra é que só a sábia *virtù* o mantém, uma vez que é de posse dela que o governante pode resistir aos inimigos e as surpresas do destino.

Espaçamento entre linhas – O espaçamento entre as linhas do corpo do texto deve ser de 1,5 cm. Exceto nos casos de citações com mais de 3 linhas, nas quais é utilizado espaçamento simples.

Recuo de parágrafo – Obrigatoriamente deve ser de 1,25 cm.

Títulos - Deve ser em negrito, com todas as letras maiúsculas (caixa alta), 8 cm em relação à borda superior e formato centralizado (ctrl E). Devendo ser saltado um espaço entre os títulos e a primeira linha.

Subtítulos - são sequencialmente enumerados, devem estar em negrito e justificados. Não há espaçamento entre os subtítulos e a linha inicial. Caso haja divisão entre os subtítulos, deve-se recuar 1,25 cm, sem negrito. Ao final de cada subtítulo, é necessário fazer uso do espaçamento de 1,5 cm.

Exemplo:

1. *O PRÍNCIPE* DE MAQUIAVEL

O príncipe se apresenta muito mais um tratado de ciência política do que propriamente uma obra filosófica. Por tudo isso, discutiremos o motivo de sua posição filosófica ser tratada com um realismo político.

¶

1.1. A *virtù* na obra *O Príncipe*

O virtuoso é aquele que possui a sabedoria no emprego da força...

¶

1.1.1. O agir de acordo com a *virtù* maquiavélica

O agir com *virtù* requer que o príncipe aja ora com humanidade ou bondade e ora com crueldade ou maldade, de acordo com a necessidade da ocasião...

¶

1.2. A fortuna na obra *O Príncipe*

Maquiavel argumenta que ao menos a metade do nosso destino se deve ao livre-arbítrio, isto é, que a liberdade humana é capaz, sim, de interferir na força implacável da *fortuna*...

Notas de rodapé – As notas de rodapé devem ser em fonte de tamanho 10 e com alinhamento justificado. A fonte é a mesma do corpo do texto.

Ilustrações, gráfico e tabelas – Deve haver o espaçamento simples entre o texto que antecede a ilustração e o texto subsequente.

Atividade de Fixação

1) Escolha um texto de seu interesse e cite, mencionando as páginas correspondentes:

a) Um exemplo de citação curta

b) Uma citação longa

c) Paráfrase

2) Leia o trecho a seguir.

> O ponto central do *bom governo* para Maquiavel se revela, portanto, em duas acepções. A saber, *i.* A recusa por valores éticos de cunho cristão como orientadora da ação política, sendo ela incapaz de nortear a política e a consequente manutenção do príncipe no poder, e *ii.* A instrumentalização das ações políticas pautando-se nos atributos a que o príncipe consegue simular e dissimular com o intuito de alcançar condições de eficácia na ação política. Para Maquiavel, "não é preciso que o príncipe tenha todas as qualidades mencionadas; basta que aparente possuí-las [...] possuindo-as e usando-as todas, tais qualidades ser-lhe-iam nocivas, mas, aparentando possuí-las, são-lhe benéficas". Tal simulação é necessária, haja vista que, para o florentino, "os homens costumam julgar mais pelos olhos do que pelas mãos, uma vez que todos podem enxergar, mas poucos podem sentir [...] e esses poucos não ousam contrariar a opinião dos que têm a seu favor a majestade do Estado".

Nesse pequeno recorte há quatro erros de metodologia. Encontre-os e reescreva o trecho de forma correta.

3) Como faço a referência de artigos publicados em revistas? Dê exemplos.

4) Dê exemplos de referências de artigos retirados da internet.

5) Escolha dois livros de sua preferência e faça a devida referencia bibliográfica de cada um deles.

6) Procure por meio da internet dois relatos de experiências na área de filosofia. Identifique a maneira como as pessoas escrevem (linguagem padronizada, coloquial, poética, etc.), o assunto e os objetivos do texto.

Elaborando o projeto

Chegamos ao último momento da elaboração de projeto da monografia. Nesse momento, você deverá concluir o seu trabalho, adequando-o às normas da ABNT. Agora, coloque capa, folha de rosto, citações e referências.

CONCLUSÃO

Esperamos que, ao longo deste texto de orientação de pesquisa, o estudante de filosofia tenha compreendido a importância dos elementos formais que cercam a pesquisa filosófica, seja para facilitar o seu trabalho, seja para torná-lo mais consistente. Em geral, o mundo acadêmico possibilita uma gama infinita de busca pelo conhecimento e premia aqueles que se aplicam com a excelência de sua pesquisa.

Assim como em outras áreas, aqueles que estudam filosofia devem ter a preocupação especial de desenvolver textos de reconhecida qualidade. Para tanto, não devem deixar de lado as *ferramentas* que possibilitam ganho considerável de qualidade nos trabalhos que serão desenvolvidos. Se a filosofia exige um trabalho de reflexão para a resolução de seus problemas, nada melhor do que vir acompanhada dos meios que permitam uma investigação segura com o método adequado. O resultado será o inevitável desenvolvimento dessas habilidades de forma prática sobre diferentes formas (resumo, resenha, monografia, artigo científico).

Assim como a filosofia é uma busca incessante pelo conhecimento, o desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura (contempladas neste texto) deve acompanhar o crescimento do estudante de filosofia. Nesse sentido, a cada novo texto, novos elementos se somam à bagagem cultural de quem o produz, fornecendo cada vez mais os aportes necessários para que a construção do conhecimento siga o caminho seguro da pesquisa filosófica.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Antônio de Castro Caiera. São Paulo: Atlas, 2009.

BARROS, Aidil J. da Silveira; LEHFELD, Neide A. de Souza. *Fundamentos de metodologia científica, um guia básico para a iniciação científica.* São Paulo: Makron Books do Brasil, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. 1º ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed.,1999.

BUZZI, Arcângelo. *Introdução ao pensar*: o Ser, o Conhecer, a Linguagem. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia.* São Paulo: Ática, 2000.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34, 1992.

DESCARTES, René. *Regras para a direcção do espírito* (tradução João Gama). Lisboa: Edições 70, 2002, p. 24.

______. *Discurso do método*. Brasília: UnB, 1985.

DRANKA, Renata Aparecida Paupitz. Uma leitura da condição feminina nos contos “A mulher adultera” e “Jonas ou o artista no trabalho” de Camus, a partir da relação existencialismo e metáfora. *Linguagem em (DIS)curso*, Tubarão, v.2, n.1, p.101-125, jul, 2001.

DUBET, François. *O que é uma escola justa?* Traduzido por Ione Ribeiro Valle. São Paulo: Cortez, 2008.

DWORKIN, Ronald. *Domínio da Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Levando os Direitos a sério.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Uma questão de princípio.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*: teoria e prática da libertação. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico*: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.

GUERREIRO, Mario A. L. O conceito de *eudaimonia* em Aristóteles: seu significado para nós. *Revista Brasileira de Filosofia,* São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, v. 51, n. 204, p. 445-474, out.-dez./2001.

GUITTON, J. e ANTIER, J.J. *O Livro da Sabedoria e das Virtudes Reencontradas.* Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* – a Ciência da Lógica. Tradução Paulo Menezes, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

HOBUSS, João. A felicidade como um bem de segunda ordem em Aristóteles. *Razão e Fé: Revista Inter e Transdisciplinar de Teologia, Filosofia e Bioética,* Pelotas: EDUCAT, v. 7, n. 2, p.155-162, 2005.

HUSSERL, E. *A Filosofia como Ciência de Rigor*. Coimbra: Atlântida, 1965.

JAPIASSÚ, Hilton. *Um desafio à filosofia:* pensar-se nos dias de hoje. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

LORIERI, Marcos. *Filosofia:* fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

LUFT, Lya. *Pensar é transgredir.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe.* São Paulo: Martin Claret, 2007.

MARCANTONIO, Antonia; SANTOS, Martha; LEHFELD, Aparecida. *Elaboração e divulgação do trabalho científico.* São Paulo: Atlas, 1993.

MARCONDES, DANILO. *Textos Básicos de Ética de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2011.

MARX, K. *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. ENGELS. F. *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa: Edições Avante, 1982.

MATHIAS, Marcelo Zaffiri. *A felicidade e Albert Camus*: aproximação à sua obra. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica:* a prática de fichamento, resumo e resenhas. São Paulo: Atlas, 2000.

MORE, Thomas.*Utopia*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NAGEL, Thomas. *Uma Breve Introdução à Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PERINE, Marcelo. *Ensaio de iniciação ao filosofar*. São Paulo: Loyola, 2007.

PLATÃO. *A República*. Tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RUSSEL, Bertrand. *Os problemas da Filosofia*. Tradução Jaimir Conte. Florianópolis, 2005.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Como ler um texto de filosofia.* São Paulo: Paulus, 2008.

SILVEIRA, Denis Coitinho. *Os sentidos da justiça em Aristóteles.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TODD, Oliver. *Albert Camus:* Uma vida. Rio de Janeiro: Editora Record,1998.

ZINGANO, M. Particularismo e universalismo na ética aristotélica. *Analytica*,1 (3), 1996, p.75-100.